



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO

Alice de Oliveira dos Prazeres

ENTRE A TERRA E OS ORIXÁS:
PROJETO ARQUITETÔNICO PARA O TERREIRO DE UMBANDA *MINHA FÉ ME GUIA!*

Rio de Janeiro
Dezembro 2024

Alice de Oliveira dos Prazeres

ENTRE A TERRA E OS ORIXÁS:
PROJETO ARQUITETÔNICO PARA O TERREIRO DE UMBANDA *MINHA FÉ É ME GUIA!*

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado à Faculdade de Arquitetura e
Urbanismo da Universidade Federal do Rio de
Janeiro como parte dos requisitos para obtenção do
grau de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Vicente Fasciotti

Rio de Janeiro

Alice de Oliveira dos Prazeres

ENTRE A TERRA E OS ORIXÁS:
PROJETO ARQUITETÔNICO PARA O TERREIRO DE UMBANDA *MINHA FÉ ME GUIA!*

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado à Faculdade de Arquitetura e
Urbanismo da Universidade Federal do Rio de
Janeiro como parte dos requisitos para obtenção do
grau de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Rio de Janeiro, 12 de dezembro de 2024.

Prof. Vicente Fasciotti
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Prof. Marcos Martinez Silvos – Membro Interno
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Hana Cavalcante – Membro Externo

Dedico esse trabalho à Luzia Maria de Oliveira,
minha preta velha, minha avó.

AGRADECIMENTOS

Agradeço infinitamente à minha mãe, por tudo. Você me colocou no mundo, fez o máximo com os poucos recursos que tinha, mesmo quando te tiraram tanto. A razão de tudo isso é você: minha educação, minhas realizações, a motivação do meu tema. Obrigada por se reconectar com nossa ancestralidade. Nada do que vivemos agora é pela primeira vez; estamos apenas voltando e atendendo ao chamado. Obrigada por escutá-lo com atenção e ir atrás. Você me ensinou a ler, escrever, comer, contar, andar na rua – andou no sol para que eu andasse na sombra – e me ensinou a ter fé. Este trabalho é um presente para você. Sei que nunca vou conseguir retribuir tudo o que fez, mas seguirei tentando.

Para falar de você, mãe, preciso falar da minha avó, Luzia. São 94 anos em que minha pretinha continua lutando contra ele, e minha maior felicidade é poder dedicar este trabalho à senhora em vida. Talvez a senhora não leia isso; nem é justo que eu me forme na federal enquanto a escola nem chegou até você. Então, dedico este diploma à senhora.

Vô, Alencar Vicente, você faz falta. Queria que estivesse aqui para ver que a neta do pedreiro agora é arquiteta e que a casinha de pau a pique onde o senhor viveu é discutida na faculdade. Sigo com saudades do seu bigode, das suas tatuagens, da sua vaidade e dos seus olhos acinzentados.

Agradeço à minha irmã, Roberta. Que sorte a minha nascer com você já aqui. É um alívio saber que alguém viveu com parâmetros tão próximos dos meus, alguém com quem posso conversar sobre dores antigas e que entende sem que eu precise explicar. Obrigada por crescer comigo.

Matheus, obrigada por aceitar envelhecer comigo. Agradeço todo o amor que você me dá diariamente, as promessas que fazemos juntos, a vida que planejamos, a casa que estamos construindo e a família que me trouxe. Obrigada pelos seus pais, sua irmã, sua avó, tias e primas. É um conforto saber que, aconteça o que acontecer, posso voltar para casa com você.

Agradeço à Janaína, Larissa, Luiz e a todos os membros do Terreiro Minha Fé Me Guia! por abrirem as portas para minha família e por compartilharem seus ensinamentos e saberes.

Aos meus amigos queridos que viveram essa jornada da arquitetura comigo, meu obrigada, especialmente a Natália, Breno e Bruna. Vocês tornaram meus últimos anos de faculdade muito mais leves – por mais impossível que isso parecesse.

Aos professores Juliana Pavan, por abraçar minha ideia com sensibilidade, e Vicente Fasciotti, por sua paciência e apoio em todos os momentos.

Por fim, agradeço à banca por darem espaço, olhos e ouvidos à Umbanda, ao terreiro, à casa e a mim.

RESUMO:

O projeto arquitetônico proposto visa reformar e realocar o Terreiro de Umbanda *Minha Fé Me Guia!*, atualmente localizado nas dependências da residência da mãe de santo em Realengo, Rio de Janeiro. A transferência para um novo espaço no mesmo bairro é destinada a proporcionar uma estrutura mais adequada para atender tanto os visitantes quanto os membros da comunidade religiosa, com um foco primordial na implementação de práticas sustentáveis. Esse enfoque inclui a utilização eficiente dos recursos disponíveis no terreno, a reutilização do preexistente, a adoção de técnicas construtivas locais e acessíveis e a participação ativa dos membros da casa na execução do projeto, promovendo não apenas a integração comunitária, mas também valorizando a identidade cultural do espaço.

A escolha de materiais como a terra e o bambu estabelece uma conexão profunda com os elementos naturais, que são centrais na Umbanda. Os Orixás, divindades veneradas na religião, representam forças da natureza e possuem características próprias, atribuições e domínios específicos. A utilização de materiais orgânicos e naturais na construção do terreiro não apenas resgata práticas ancestrais de construção, mas também reforça a ligação simbólica e prática com os Orixás, criando um ambiente que reflete a essência da religião.

Para o desenvolvimento do projeto, o estudo investiga as características arquitetônicas e as ambiências dos terreiros de Umbanda, evidenciando as adaptações necessárias para a construção do terreiro no novo terreno selecionado, além de explorar questões de intolerância religiosa em relação à Umbanda.

A Umbanda, religião brasileira de origem africana, é caracterizada pela sincretização de elementos do catolicismo e do espiritismo kardecista. Os terreiros de Umbanda geralmente são espaços adaptados ou improvisados, cada um com características e disposições espaciais específicas que criam ambientes sagrados durante os rituais. A estrutura de um terreiro vai além do ambiente físico construído, englobando as responsabilidades dos trabalhadores e entidades espirituais que nele atuam.

A realocação do Terreiro *Minha Fé Me Guia!* para um novo terreno em Realengo oferece uma oportunidade para melhor atender às exigências da casa, proporcionando uma estrutura mais adequada para as práticas e rituais da Umbanda. O projeto arquitetônico será concebido em harmonia com o pensamento sustentável, integrando as características das ambiências umbandistas e os anseios da comunidade. O objetivo é criar um espaço harmonioso e funcional, que reflita as necessidades e valores da comunidade umbandista, promovendo a eficiência no uso de recursos e a preservação ambiental.

Palavras-chave: arquitetura religiosa, terreiro, umbanda, subúrbio carioca, Realengo.

SUMÁRIO:

INTRODUÇÃO	8
OBJETIVOS	10
Objetivos Específicos.....	11
JUSTIFICATIVA	11
1. FUNDAMENTOS CONTEXTUAIS	15
1.1 Umbanda: Luta E Resistência Da Ancestralidade Brasileira.....	15
1.2 Compounds Africanos: Materialidade, Espaço e Influência no Terreiros do Brasil	19
2. METODOLOGIA	23
2.1 O Entendendo O Programa: Funcionalidades Do Terreiro De Umbanda.....	23
2.2 Estudo de Caso: Terreiro Minha Fé Me Guia!.....	26
2.3 Estudo de Caso: A Realocação Do Terreiro Minha Fé Me Guia!	32
2.4 Estudo de Caso: Diagnóstico Do Terreno Para A Futura Casa	32
2.5 Estudo do Solo Local	38
2.6 Projeto Faseado	39
3. ELABORAÇÃO DO PROJETO.....	39
3.1 Primeira Fase: Telhado	30
3.2 Segunda Fase: Construção com Terra.....	43
CONCLUSÃO.....	51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	52

INTRODUÇÃO

“Defuma com as ervas da Jurema
Defuma com arruda e guiné
Defuma com as ervas da Jurema
Defuma com arruda e guiné
Bejoim, Alecrim e Alfazema
Vamos defumar filhos de fé”¹

No anseio por conexão espiritual, a humanidade encontra na religião um caminho para explorar e expressar sua espiritualidade. A arquitetura desempenha um papel fundamental ao criar espaços que não apenas abrigam práticas religiosas, mas também enriquecem a experiência espiritual. Esses espaços sacros não são meramente estruturas físicas, mas sim locais de encontro entre o terreno e o divino. Um terreiro de umbanda tem caráter além de espiritual, ele se torna político, uma forma de resistência e luta para grupos minoritários. Não sendo apenas locais de culto, mas também refúgios e símbolos de identidade cultural e resistência frente à intolerância religiosa e à marginalização social.

Nesse contexto, este trabalho busca explorar a interseção entre arquitetura e religião, com foco específico no Terreiro de Umbanda *Minha Fé Me Guia!*. Este estudo visa compreender como a arquitetura pode influenciar e potencializar a prática religiosa, proporcionando um ambiente digno para a expressão da espiritualidade ancestral.

No primeiro capítulo, será abordado os fundamentos contextuais para o projeto, entendendo, de forma breve, a origem da Umbanda como expressão religiosa brasileira, explorando sua intrínseca relação com a arquitetura desde os tempos da escravidão até os dias atuais. Ao analisar como os escravizados africanos adaptaram suas práticas religiosas dentro das senzalas, evidenciamos os fundamentos da Umbanda como uma forma de resistência cultural em meio à opressão. Os terreiros surgiram como espaços sagrados onde a herança africana se mantinha viva, apesar das adversidades, proporcionando um refúgio espiritual e fortalecendo os laços comunitários. Hoje, essa tradição de resistência persiste nos espaços adaptados, como galpões e

¹ Música: Ponto de defumação, abertura de gira.

garagens, onde os praticantes da Umbanda enfrentam a intolerância religiosa. Esses espaços, embora possam parecer simples ou improvisados, são dotados de profundo significado espiritual e comunitário, proporcionando um lugar seguro para a expressão religiosa em meio a um contexto muitas vezes hostil. Ao longo do texto, estabelecemos uma correlação entre o passado de resistência dos escravizados nas senzalas e o presente de perseverança dos praticantes da Umbanda nos espaços adaptados, destacando a continuidade da luta pela preservação da identidade cultural e espiritual. Também, neste capítulo, busca-se entender a relação da construção dos terreiros com a materialidade, as técnicas construtivas ancestrais e a conexão do sagrado com a natureza.

No segundo capítulo, será apontado a metodologia de pesquisa e conceituação do projeto. Entendo as funcionalidades dos terreiros de Umbanda, desde os rituais gerais até as adaptações específicas encontradas no Terreiro *Minha Fé Me Guia!*. Começamos com uma visão geral do funcionamento dos terreiros, destacando os elementos comuns encontrados nesses espaços sagrados, como a disposição do ambiente, os rituais de purificação e a interação entre médiuns e visitantes durante as giras. Em seguida, nos concentraremos nas adaptações realizadas no Terreiro *Minha Fé Me Guia!*, analisando como esse espaço se organiza para manter a integridade dos rituais e garantir a segurança dos participantes, apesar das limitações físicas e financeiras. Discutiremos também as diferentes configurações dos espaços dentro do terreiro, como a distribuição dos médiuns e a disposição dos altares, além da importância das cores e adereços na ambientação ritualística. Destacaremos eventos específicos, como a alvorada de Ogum e a gira de São Jorge, para ilustrar a vivacidade e a diversidade das celebrações realizadas no Terreiro *Minha Fé Me Guia!*. Este capítulo oferecerá uma visão abrangente das práticas e adaptações encontradas nos terreiros de Umbanda, servindo como base para a compreensão do papel desses espaços na manifestação e preservação da religião afro-brasileira.

O capítulo também tem a premissa de fazer o estudo do solo do terreno escolhido para o projeto, buscando entender como relacionar a ancestralidade com o canteiro e qual a viabilidade construtiva do local, apontando também para a estratégia de construção faseada.

O terceiro capítulo trata da elaboração do projeto arquitetônico. Ele detalha as intervenções da primeira fase, que foca na reestruturação das coberturas em bambu e melhorias nos espaços de apoio. Em seguida, explora a segunda fase, dedicada à construção das paredes em terra, integrando técnicas tradicionais como o pau a pique e

soluções sustentáveis. Também serão discutidas as alterações volumétricas e a reconfiguração dos espaços internos e externos para atender às necessidades litúrgicas e comunitárias, criando um ambiente funcional, acolhedor e simbólico. Nessa fase, será desenvolvido o projeto utilizando os métodos construtivos mais adequados à proposta, assim como materiais e técnicas viáveis para essa construção, levando em consideração o viés sustentável apresentado e as condições financeiras e técnicas da comunidade que participará desse processo.

Ao finalizar, almeja-se um projeto de valor arquitetônico e afetivo, que atenda o máximo possível às necessidades e valores da casa. Além disso, almeja-se que esse projeto seja uma forma de resistência e valorização da Umbanda dentro da comunidade acadêmica e da sociedade em geral, destacando sua importância como expressão cultural, espiritual e política válida e valorosa do Brasil. Ao finalizar este trabalho, espera-se contribuição para a consolidação e reconhecimento da Umbanda como parte integrante da identidade brasileira, proporcionando um espaço físico que represente não apenas um local de culto, mas também um símbolo de luta, expressão e pertencimento para a comunidade que o frequenta.

OBJETIVOS:

O objetivo principal deste trabalho é desenvolver um projeto de reforma e realocação para o Terreiro de Umbanda *Minha Fé Me Guia!*, transferindo-o para um novo espaço no mesmo bairro, com o intuito de oferecer uma estrutura mais adequada para atender tanto os membros quanto os visitantes. A proposta se baseia na implementação de práticas sustentáveis, que integram o uso de materiais naturais, como terra e bambu, e buscam resgatar técnicas construtivas ancestrais, ligadas à valorização da identidade cultural e à forte conexão da Umbanda com a natureza.

Ao adotar uma abordagem de construção comunitária, o projeto incentiva a participação ativa dos próprios membros na execução das obras, promovendo o envolvimento coletivo e a integração entre os praticantes. Com a utilização de recursos locais, essa estratégia não só fortalece a relação com o espaço sagrado, mas também reforça a preservação do ambiente, respeitando os princípios espirituais e ecológicos da religião. O objetivo principal desse trabalho é elaborar um projeto de reforma e realocação para o Terreiro de Umbanda *Minha Fé Me Guia!* o transferindo para um novo espaço dentro do mesmo bairro, proporcionando uma estrutura mais adequada para atender tanto

os visitantes quanto os membros da casa.

Objetivos Específicos:

- Compreender as características arquitetônicas e as ambiências dos terreiros de Umbanda, especialmente aqueles situados em espaços improvisados no contexto urbano do subúrbio carioca, evidenciando a lógica e as obrigações entre os espaços exigidos pela religião.
- Analisar as adaptações necessárias para a construção do terreiro no terreno escolhido, levando em consideração as necessidades da comunidade religiosa, bem como os requisitos ambientais e legais pertinentes.

JUSTIFICATIVA

Entendendo a necessidade da casa *Minha Fé me Guia!* de se realocar em um novo terreiro, uma vez que o atual não mais suporta adequadamente as demandas do grupo e dinâmicas da religião, esse projeto e tema são motivadas pelo desejo de oferecer um espaço digno e seguro para a prática da Umbanda, uma religião de matriz africana profundamente enraizada na cultura brasileira. Infelizmente, é uma realidade comum que os espaços sagrados da Umbanda são frequentemente marginalizados e até mesmo profanados, refletindo a persistente intolerância religiosa presente em nossa sociedade. Este projeto busca não apenas suprir as necessidades físicas imediatas do Terreiro *Minha Fé me Guia!*, mas também desafia ativamente essa marginalização ao valorizar a cultura e a expressão material e imaterial da fé umbandista através da arquitetura. Reconhece-se que a arquitetura, além de servir como espaço físico para a prática religiosa, também carrega consigo significados simbólicos e espirituais que são fundamentais para a comunidade.

O Brasil, apesar de ser conhecido por sua diversidade cultural e religiosa, ainda enfrenta sérios desafios no que diz respeito à intolerância religiosa. É essencial que a academia e a sociedade como um todo se empenhem em documentar e estudar de forma mais profunda as religiões marginalizadas, como a Umbanda, para que essas vozes e experiências não sejam silenciadas ou distorcidas pela falta de conhecimento. Os dados recentes sobre intolerância religiosa no Brasil reforçam a necessidade urgente de projetos como este. Em 2019, houve um aumento de 56% nas denúncias de intolerância religiosa, demonstrando que os ataques a terreiros de Umbanda e Candomblé são frequentes e violentos. Em 2023, o estado do Rio de Janeiro registrou 34 casos de ultraje a culto religioso, um aumento significativo que revela a persistência desse tipo de violência.

Denúncias de intolerância religiosa aumentaram 56% no Brasil em 2019

Dia nacional de combate a esse tipo de crime foi instituído em 21 de janeiro de 2007, após um atentado em Salvador

Marina Duarte de Souza
Brasil de Fato | São Paulo (SP) | 21 de janeiro de 2020 às 18:51

Figura 1: manchete de jornal

Fonte: *BrasildeFato*, disponível em < [Denúncias de intolerância religiosa aumentaram 56% | Direitos Humanos \(brasildefato.com.br\)](https://brasildefato.com.br) >

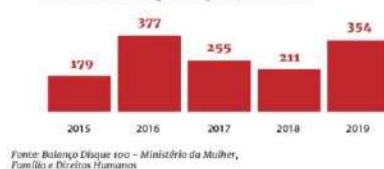


Figura 2: percentual de casos de intolerância religiosa registrados no estado do Rio de Janeiro

Fonte: *Jornal O Globo*, disponível em < [frame-00-00-07.428.jpg \(1000x562\) \(glbimg.com\)](https://glbimg.com) >

Denúncias de intolerância religiosa no Brasil

Dados do 1º semestre (janeiro a junho) de cada ano:



Fonte: *Balanco Disque 100 - Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos*

Figura 3: denúncias feitas por intolerância religiosa

Fonte: *BrasildeFato*, disponível em < https://farm66.staticflickr.com/65535/49429792846_200c99b167_o.jpg >

Um levantamento do Instituto de Segurança Pública do Rio de Janeiro mostrou que as delegacias registraram cerca de 3 mil crimes relacionados à intolerância religiosa em 2023, com a maioria das vítimas sendo mulheres negras. A criação da Delegacia de Combate a Crimes Raciais e Delitos de Intolerância (Decradi) é um passo importante, mas os números continuam a mostrar uma realidade preocupante: houve um aumento de 51% nos casos de intolerância religiosa no estado desde 2017.

Casos como o ataque ao terreiro *Ilê Alaketú Àsé Omí Togun*, onde um culto foi interrompido por indivíduos que propagavam mensagens religiosas cristãs, ilustram como a intolerância religiosa se manifesta de diversas formas, desde invasões físicas até agressões verbais e simbólicas. Em 2023, as denúncias ao Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos aumentaram 45,6% em relação ao ano anterior, com um crescimento alarmante também nas denúncias de intolerância religiosa online, refletindo um aumento de 654,1%.

Aumenta em 51% o número de casos de intolerância religiosa no RJ

Algumas das agressões e preconceitos são praticados por traficantes ou milicianos. Nesta quinta (13), delegacia voltada para atender a área e para crimes raciais será inaugurada.

Por Bette Lucchese, RJ2
12/12/2018 19h44 - Atualizado há 5 anos

Figura 4: manchete de jornal

Fonte: G1, Globo, disponível em < [Aumenta em 51% o número de casos de intolerância religiosa no RJ | Rio de Janeiro | G1 \(globo.com\)](#)>

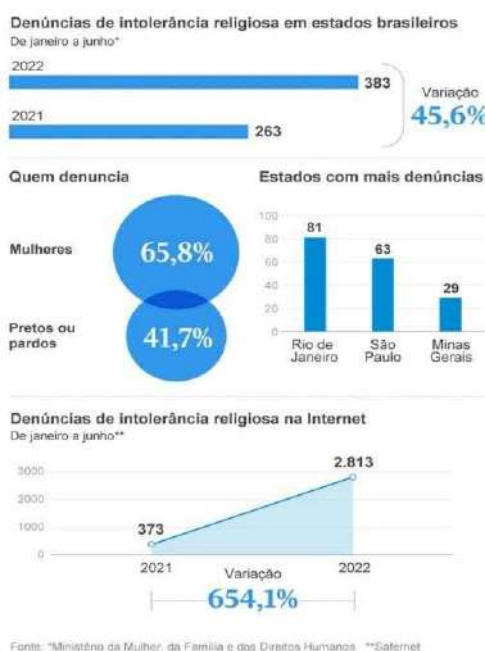


Figura 5: aumento de denúncias de intolerância religiosa entre 2021 e 2022

Fonte: Jornal RJTV, Globo, disponível em < [denuncias.jpg \(1000x1427\) \(globo.com\)](#) >

O caso de Mãe Gilda de Ogum é emblemático na luta contra a intolerância religiosa no Brasil. Em 1999, Mãe Gilda faleceu após sofrer um ataque motivado por intolerância religiosa. Seu terreiro foi invadido e depredado, e seu marido foi

violentamente agredido por fundamentalistas religiosos. A publicação de uma foto sua em um jornal, com a manchete ofensiva "Macumbeiros charlatões lesam a vida e o bolso de clientes", precipitou um ataque cardíaco que resultou em sua morte. Em memória de Mãe Gilda e em reconhecimento à gravidade da intolerância religiosa, o dia 21 de janeiro foi instituído como o Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa.(BrasildeFato, 2022).



MÃE GILDA DE OGUM [1936-2000]
Ilê Axé Abassô de Ogum

Figura 6: yalorixá Gildásia dos Santos e Santos, conhecida como Mãe Gilda de Ogum

Fonte: Fundação Cultural Palmares, disponível em < 83cfeb7a-d6a5-4e0b-8922-61cbb6137095.jpeg
(218×300) (www.gov.br) >

Essa data é um lembrete poderoso da necessidade contínua de lutar contra o preconceito e proteger o direito de todos à liberdade religiosa. A criação desse dia destaca a importância de conscientizar a sociedade sobre os impactos devastadores da intolerância religiosa e a necessidade de proteger os espaços sagrados e as comunidades de fé. Este trabalho pretende contribuir para esse esforço ao destacar a importância de preservar e respeitar a diversidade religiosa, especialmente aquelas manifestações que historicamente foram alvo de discriminação. Ao documentar e estudar a Umbanda e seu espaço sagrado, espera-se não apenas promover uma compreensão mais profunda da religião, mas também inspirar e fomentar futuras pesquisas e trabalhos que abordem essas questões cruciais atuando como um símbolo de resistência e valorização da cultura umbandista, inspirando outras iniciativas a seguirem o mesmo caminho na defesa da diversidade religiosa no Brasil.

1. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

1.1 Umbanda: Luta E Resistência Da Ancestralidade Brasileira

"Tudo que bate é tambor, todo tambor vem de lá. Se o coração é o senhor, tudo é África" (Emicida, "Princípios", 2019). Fazendo alusão as batidas dos atabaques², que ecoam não só nas giras³ de Umbanda, mas também nas rodas de capoeira, como pulsos vivos de uma herança cultural afro-brasileira, Emicida reflete essas batidas não apenas como ritmos, mas também manifestações da própria vida, entrelaçando-se com as batidas do coração de um povo que carrega consigo a ancestralidade africana em cada movimento, em cada celebração. No entanto, essa mesma herança que enriquece a cultura brasileira também enfrenta o flagelo do racismo e da intolerância religiosa. Apesar de ser uma religião brasileira profundamente enraizada na sociedade, a Umbanda é frequentemente alvo dessas formas de discriminação. Mesmo permeando a vida cotidiana, tanto de praticantes quanto de não praticantes – como na celebração do ano novo em que se tem o costume de usar roupas brancas e oferecer rosas ao mar –, a Umbanda é estigmatizada e marginalizada, refletindo os desafios enfrentados pelas manifestações culturais afrodescendentes em um contexto marcado por divisões e preconceitos enraizados.

A ancestralidade permeia toda a cultura, estabelece uma continuidade entre deuses, ancestral e descendente, que se manifesta através dos ritos e dos mitos. Na África, a ancestralidade é identidade que está baseada na terra-mãe, para os negros da diáspora, essa identidade encontrava-se nos espaços de culto dos terreiros, os depositários dos símbolos da Origem mítica. O africano, trazido como escravo, ao chegar à diáspora, busca no terreiro seu patrimônio simbólico. (Menezes, 2012, p. 38)

² O atabaque, instrumento sagrado da Umbanda, foi trazido ao Brasil pelos negros africanos escravizados, tornando-se essencial em rituais afro-brasileiros, especialmente nos terreiros de Candomblé e Umbanda. Presente também em outras tradições religiosas ao redor do mundo, o atabaque é utilizado para convocar as entidades espirituais, promovendo a conexão entre os praticantes e seus guias e Orixás. Seus ritmos específicos emitem vibrações que invocam essa ligação com o universo espiritual, conduzindo o Axé do Orixá através das melodias africanas.

³ A gira (ou jira) deriva da palavra quimbundo "nijra", que se traduz como "caminho", "rota" ou "via". Sob uma perspectiva espiritual, podemos interpretá-la como o trajeto que nos conduzirá ao encontro divino com todas as entidades da Umbanda. Portanto, podemos inferir seu primeiro significado: o contato com os orixás.

Como sugere Menezes (2012), a tradição é um alicerce crucial na cultura negra, servindo como veículo simbólico para a transmissão e preservação do legado do grupo. O terreiro, enquanto espaço ritualístico, desempenha um papel central na revitalização e na reconstrução da cultura e identidade africana.

o espaço do terreiro vai ser o lugar de reterritorialização de uma cultura fragmentada, de uma cultura de exílio. É ali que o indivíduo vai reviver, vai tentar refazer a sua família, e o seu clã, que tal como na África, são formados independentemente de laços sanguíneos. No espaço do terreiro, o indivíduo buscará o sentido de pertencimento a uma coletividade e ritualisticamente vai reencontrar a sua nação (Sodré, 1988, p. 50 apud MENEZES 2012, p.36).

Para entender melhor as ambiências, os rituais e a arquitetura de um terreiro de Umbanda, primeiramente precisamos conceituar a religião, sua origem e manifestações culturais no Brasil. A Umbanda, religião brasileira de origem africana, é caracterizada pela fusão de elementos sincréticos e tem suas raízes nos centros de cabula, que emergiram entre os séculos XVII e XIX. É comumente divulgado que a religião foi formalmente organizada por Zélio Fernandino de Moraes em 14 de novembro de 1908, quando Zélio Fernandino de Moraes, então um jovem de 17 anos que sofria de "ataques", experimentou uma manifestação mediúnica que resultou em sua cura. Durante uma sessão kardecista, ele foi incorporado por um espírito que se identificou como o "Caboclo das Sete Encruzilhadas", proclamando que não haveria mais caminhos fechados para ele a partir daquele momento. Esta declaração, transmitida através dos participantes das primeiras sessões umbandistas, tornou-se um dos pilares fundamentais da nova prática religiosa. (Honaizer, 2006)

Contudo, a narrativa sobre a origem da Umbanda, com Zélio de Moraes como protagonista, estabelece um modelo que reduz a influência das práticas mais ligadas às tradições africanas. Esse mito, que se dissemina no Rio de Janeiro, acaba por ocultar as contribuições afro-brasileiras e reflete uma tentativa de controlar as práticas e cultos dos centros e terreiros. A versão única dessa narrativa apaga a diversidade e a multiplicidade que se expressam nos rituais, divindades e práticas que surgem diariamente em centros, terreiros e santuários, tanto nas áreas urbanas quanto nas periferias. (PAZ, 2021)

Desde o século XVI, há registros históricos de manifestações conhecidas como Santidades, fortemente influenciadas pela cultura indígena, mas também com a participação de africanos. Uma figura importante da Umbanda no Brasil foi Luzia Pinta,

sacerdotisa de Calundu, um culto de cura e comunicação com espíritos através do transe. De origem centro-africana, Pinta foi denunciada em 1739 por práticas de feitiçaria e levada a Lisboa em 1742 para julgamento. (PAZ, 2021)



Figura 7: Prática do Cabula

Fonte: *Slavery Images*. Disponível em <http://www.slaveryimages.org/s/slaveryimages/item/1018>.

Registros históricos documentam várias pessoas executadas, aprisionadas ou torturadas pelo Tribunal do Santo Ofício. Robert Daibert Jr, descreve em seu artigo LUZIA PINTA: EXPERIÊNCIAS RELIGIOSAS CENTRO-AFRICANAS E INQUISIÇÃO NO SÉCULO XVIII alguns trechos do processo inquisitorial de Luzia Pinta, depositado no Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT) em que foi acusada por feitiçaria.

Durante os rituais, celebrados em sua própria casa ou na residência de seus assistidos, ela vestia-se com roupas especiais, ora descritas como “à moda de anjo” ora como “à moda turquesa”. Muitas vezes, seus cabelos eram amarrados em formato de meia lua e sua cabeça era revestida por uma fita larga. No início da cerimônia, em uma espécie de altar cujo dossel era composto por tecidos, Luzia permanecia assentada em uma cadeira, segurando nas mãos um espadim, uma machadinha ou outro objeto de ferro. Ao agitar esses instrumentos, ela marcava com os pés e os braços o compasso da música ao som dos tambores e atabaques tocados por seus escravos. (ANTT, 1744, processo 252)

Ao som dos instrumentos e do canto de suas escravas, Luzia começava a pular, tremer e gritar palavras e frases desconhecidas, entrando em uma espécie de transe. A partir daí, suas auxiliares soltavam uma cinta antes amarrada em sua barriga e Luzia colocava alguns penachos coloridos na orelha dizendo receber “ventos de adivinhar”. Nesse momento, os participantes eram convidados a se ajoelhar e passavam a ser cheirados e assoprados, como forma de diagnóstico das doenças e queixas. Aqueles identificados como pessoas enfeitiçadas recebiam pós ou ervas ora sobre suas cabeças ora em suas bocas, sempre ao som dos gritos da oficiante que muitas vezes precisava ser acalmada pelos seus auxiliares. (ANTT, 1744, processo 252)

Em algumas ocasiões, Luzia também oferecia vinho ou outras bebidas alcóolicas aos seus assistidos. Na sequência, ela ordenava que todos se deitassem de bruços no chão e imediatamente começava a passar por sobre seus corpos gesticulando de modo ininterrupto. Havia casos em que muitos assistidos, após ingerirem as substâncias oferecidas no ritual chegavam a vomitar, ato que era interpretado como eliminação dos males espirituais. Em geral, dentro de certas variantes, procedia-se assim ao ritual de adivinhação e cura, realizado geralmente à noite e que chegava a durar em torno de duas horas. Seus atendimentos não eram oferecidos exclusivamente aos africanos ou afrodescendentes, nem tampouco eram voltados apenas para cativos. Luzia era procurada tanto por escravos quanto por alforriados e também por homens e mulheres brancos, inclusive portugueses. (ANTT, 1744, processo 252)

As práticas ritualísticas da Cabula, religião praticada por Luzia Pinta, descrita em seu processo, se espalharam também, no final do século XIX, para outra religião afro-brasileira: a *Macumba*. Diversos rituais da Cabula, como os cantos preparatórios, o uso de palmas, velas, incensos e o culto aos antepassados, foram incorporados às práticas da Macumba. (PAZ, 2021)

Essas tradições afro-brasileiras, incluindo influências da Cabula e da Macumba, desempenharam um papel importante na formação da Umbanda. A Umbanda surgiu a partir de uma combinação diversa de experiências culturais e étnicas, e, no século XX, em constante diálogo com diferentes tradições religiosas, consolidou-se como uma unidade doutrinária e ritual. Esse processo foi apoiado por intelectuais umbandistas, que promoveram a legitimação da Umbanda como uma religião formalmente estruturada. (PAZ, 2021)

Essas tradições afro-brasileiras, como a Cabula e a Macumba, desempenharam um papel fundamental no desenvolvimento da Umbanda. Formada por um conjunto heterogêneo de experiências culturais e étnicas, a Umbanda se consolidou ao longo do século XX por meio de um diálogo constante com diversas tradições religiosas. Com o respaldo de intelectuais umbandistas, esse processo culminou na legitimação da Umbanda como uma religião formalmente estruturada, com uma identidade doutrinária e ritual bem definida. (PAZ, 2021)

Caracterizada por um sincretismo religioso, a Umbanda integra rituais de origem africana com elementos do catolicismo e do espiritismo kardecista. Entre seus princípios essenciais estão a crença em um Deus único, nos orixás e em entidades espirituais, além de práticas como a caridade e a promoção de valores de inclusão e não discriminação. Esse sincretismo reflete a complexa articulação de influências que a constituiu como uma religião singular no cenário religioso brasileiro. (BBC News Brasil, 2021)

A Umbanda não foi responsável pela criação do sincretismo religioso; esse fenômeno remonta aos tempos da escravidão, quando a religião predominante era o catolicismo. Os povos escravizados, tanto negros quanto indígenas, eram compelidos rezar para os santos católicos, mas em seus corações, suas preces eram dedicadas aos orixás, garantindo assim a preservação de sua cultura ao longo do tempo.

O sincretismo afro-brasileiro foi uma estratégia de sobrevivência e de adaptação, que os africanos trouxeram para o Novo Mundo. No continente Africano, nos contatos pacíficos ou hostis com povos vizinhos, era comum a prática de adorar divindades entre conquistados e conquistadores (Ferretti, 1998, p. 188-189)

1.2 Compounds Africanos: Materialidade, Espaço e Influência nos Terreiros do Brasil

Entender a religião como a culminância da cultura, uma expressão intrínseca de uma sociedade e o vínculo que une o ser humano à divindade, é compreender o meio pelo qual os grupos sociais exploram o desconhecido e buscam atribuir significado à existência. Para a prática religiosa, o desenvolvimento de crenças e a realização de rituais demandam um ambiente propício: seja um templo arquitetônico, dedicado especificamente a propósitos religiosos, uma estrutura adaptada para tal finalidade, ou até mesmo um espaço ao ar livre na cidade ou na natureza, “esses são espaços que materializam crenças religiosas(...), dentro de padrões culturais que podem sofrer alteração, devido o contato com outras culturas, o que significa dizer que as religiões são dinâmicas em sua essência” (Menezes, 2012)

Como explica Menezes (2012) e Silva (1994), os locais onde ocorrem as manifestações religiosas dos cultos afro-brasileiros são geralmente espaços adaptados ou improvisados, os quais assumem uma nova função ao serem reorganizados para fins religiosos. Cada área desse território desenvolve características e disposições espaciais específicas que criam ambientes distintos, tanto materiais quanto imateriais, que se tornam sagrados durante os rituais. Essa dimensão ritualística, muitas vezes negligenciada na Arquitetura, permite a vivência de experiências únicas.

Os escravos africanos que aportaram no Brasil trouxeram a riqueza de sua cultura, seus deuses e seus orixás que impregnaram a vida e todas as atividades e práticas dos escravos. Sua cultura e religião não puderam se repetir tal como na África, pois a escravidão separou famílias e etnias, ao mesmo tempo em que uniu escravos de diferentes lugares e cultos, além do contato cultural com os índios e a conversão dos negros ao catolicismo; dessa forma a religião teve que se adaptar à situação existente. Sendo assim, de uma maneira geral, os terreiros acabaram por agrupar o culto a várias entidades, inclusive de etnias diferentes, além de absorverem os santos católicos e as divindades indígenas em seus rituais. (Menezes, 2012, p. 80)

Silva (1994) também explica como o terreiro que conhecemos hoje, de forma adaptada, surgiu nas senzalas ao elaborar espacialmente os *compounds*:

[..] na África, [...] as extensas famílias moravam em habitações coletivas chamadas [...] *compounds*. O compound era um conjunto de casas pequenas lado a lado na forma de um quadrado ou retângulo. As portas e janelas ficavam voltadas para o pátio interno do conjunto, lugar onde se dava o convívio social da família, e que se ligava ao lado externo por um corredor. A proteção espiritual do compound era assegurada pelo altar de EXU, localizado nas proximidades da entrada do conjunto, e pelas divindades dos núcleos familiares que o formavam (Silva, 1994, p. 63).

A estrutura dos *compounds* africanos reflete um modo de vida profundamente conectado à espiritualidade e ao convívio comunitário, elementos que também se manifestam nos terreiros brasileiros. Nos *compounds*, a disposição arquitetônica organiza-se em torno de um espaço central — o pátio — onde ocorrem as atividades diárias e os encontros familiares, garantindo um senso de coletividade que transcende o espaço físico. Esse pátio é um ambiente de convivência social e espiritual, abrigando cerimônias e rituais, em um espaço sempre aberto e dinâmico. Essa organização, que simboliza a proteção e a união do grupo, se reflete nos terreiros, onde o espaço também é organizado para abrigar rituais e práticas religiosas, promovendo a interação entre os membros e o fortalecimento dos laços comunitários (Silva, 1994).



Figura 8: ELLE Decor. Disponível em <https://th.bing.com/th/id/OIP.2CQebiQWCUnqO2ahlT2UgAAAA?rs=1&pid=ImgDetMain>



Figura 9: ELLE Decor. Disponível em <https://hips.hearstapps.com/hmg-prod/images/tribu-kassena-1537181683.png>

A materialidade dos *compounds* africanos é marcada pelo uso de materiais naturais e locais, como a terra, o bambu, a madeira e a palha, elementos que proporcionavam conforto térmico e funcionalidade no clima tropical. A técnica construtiva mais comum era o *wattle and daub*, semelhante ao pau-a-pique, que utiliza uma estrutura de madeira preenchida com barro e reforçada com fibras vegetais, formando paredes resistentes e termicamente eficientes (Silva, 1994).

Com a diáspora africana e a chegada de escravizados ao Brasil, essas práticas construtivas foram adaptadas e incorporadas na formação dos terreiros de umbanda. A disposição espacial em torno de um pátio central, a utilização de materiais naturais e a ênfase na coletividade refletem a continuidade das tradições africanas no contexto brasileiro. Nos terreiros, a escolha de materiais como terra e bambu não é apenas uma questão funcional ou estética, mas também uma manifestação da ancestralidade e da conexão com os Orixás, que representam forças da natureza na cosmologia afro-brasileira. (Silva, 1994).



Figura 10: Senzala em Salesópolis

Fonte: Flickr. Disponível em <https://www.flickr.com/photos/kassapian/5872514049/>

A adoção de materiais sustentáveis e técnicas construtivas tradicionais nos terreiros contemporâneos reforça o compromisso com a preservação ambiental e a valorização cultural. Além de promoverem conforto térmico e eficiência energética, essas práticas resgatam saberes ancestrais e fortalecem a identidade da comunidade umbandista. Assim, a arquitetura dos terreiros não apenas atende às necessidades físicas dos espaços sagrados, mas também celebra a herança cultural e espiritual que os

fundamenta.

Hoje os terreiros adotam uma estrutura adaptada ao espaço disponível, preservando certos elementos dos antigos "*compounds*": Exu permanece como guardião da entrada, enquanto os quartos individuais, outrora habitados por famílias humanas, agora abrigam os orixás ou suas famílias, contendo seus objetos rituais, assentamentos, quartinhas dos filhos e filhas de santo, juntamente com suas oferendas. O barracão, antes o pátio central, transformou-se no local primordial para reuniões religiosas e celebrações festivas. Alguns terreiros têm sua estrutura adaptada de residências e galpões, sendo condicionados pela escassez de espaço nas cidades, funcionando em pequenas casas, garagens ou anexos construídos nos quintais ou adjacentes às residências dos líderes espirituais; enquanto outros são espaços especialmente construídos para abrigar os rituais religiosos. Apesar das diversas tipologias, os terreiros seguem uma organização específica.

Assim, seja qual for a situação, mesmo adaptando sua necessidade de culto às dimensões espaciais disponíveis, os terreiros representam o espaço africano, repetindo o padrão de moradia do modelo do compound. Exu permanece na entrada do terreiro, guardando e vigiando as portas e portões. As festas públicas são realizadas nos barracões, o espaço religioso – que é a reprodução do pátio interno do compound –, e nos quartos, a moradia dos santos. Dessa forma, um espaço mítico e místico é reproduzido nos terreiros, que reúnem espaço físico, concreto e visível onde se realiza a ação humana e um espaço mitológico, místico, mágico: o local das crenças, dos rituais, e do Axé. (Menezes, 2012, p. 82)

Desta maneira, podemos entender que a estrutura de um terreiro vai além do ambiente físico construído, englobando principalmente as responsabilidades dos trabalhadores carnis e espirituais que nele atuam. Assim, o planejamento de um centro umbandista prioriza o respeito organizacional em relação às funções desempenhadas por cada frequentador, seja ele trabalhador ou assistência.

2. METOLOGIA

2.1 Entendendo O Programa: Funcionalidades Do Terreiro De Umbanda

Para a realização deste trabalho, na tentativa de elaborar referências de programa e espacialidades de um terreiro de Umbanda, procurou-se entender uma forma, a priori, generalista do funcionamento em comum de um terreiro. Entendendo a disposição do espaço e das ambiências em um lugar comum, partimos para referências em um contexto similar ao trabalho no projeto arquitetônico, ou seja, terreiro de umbanda, que surgiram de maneira adaptada e que, dentro das suas limitações espaciais e financeiras, se apropriaram dos espaços a eles disponíveis respeitando as hierarquias espirituais, suas devidas demandas místicas e ancestralidades de *compound* como descrito no capítulo anterior.

A ilustração de Luciano Veronezi nos permite compreender, de forma simplificada, como um espaço modesto consegue atender o programa e proporcionar a prática religiosa. O autor ilustra uma entrada simples, um espaço para os visitantes e assistentes, a área onde a gira acontece e o altar no final do terreiro virado de frente para a entrada, essa é uma das configurações possíveis, contudo, conforme foi entendido devido as adaptações e diferentes vertentes da Umbanda, não é a única.



Figura 11: funcionamento de um terreiro de umbanda

Fonte: *Como funciona um terreiro de Umbanda: saiba passo a passo*. Disponível em: <[Como funciona um terreiro de umbanda: saiba passo a passo | WeMystic Brasil](#)>

Vasconcellos (2012) também ilustra uma planta esquemática de um terreiro de umbanda de suas funcionalidades, esta ilustração nos permite ver que, além dos espaços destinados para o sagrado, um terreiro de Umbanda também necessita de área de apoio às celebrações, como: cozinhas⁴ (uma vez que são preparada oferendas e alimentos usados nas giras);⁴ banheiros ou vestiários para a troca das vestes⁵; entre outros espaços de apoio específicos de cada casa.

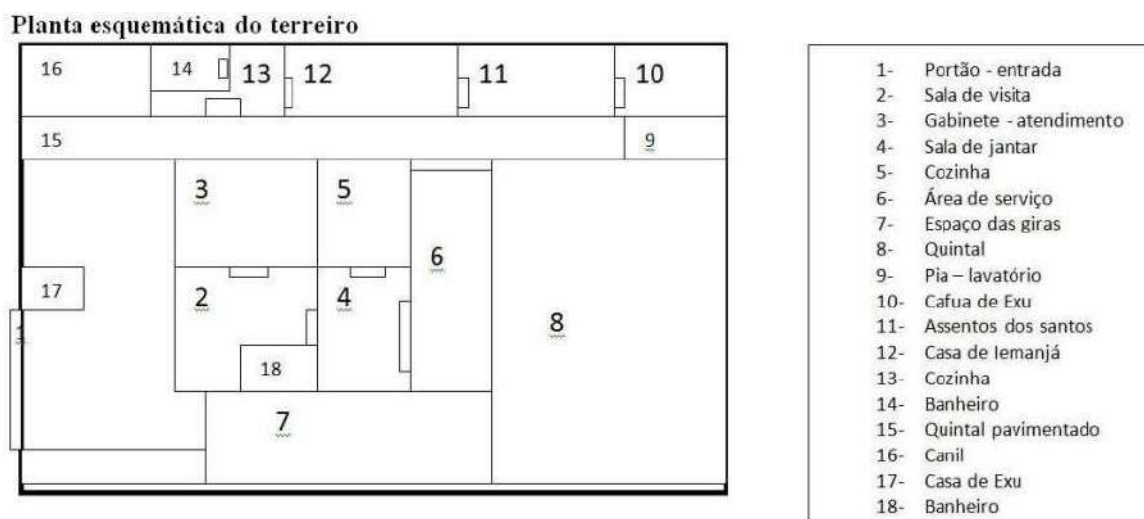


Figura 12: planta esquemática do Terreiro de Umbanda Iemanjá, de Pai João

Fonte: VASCONCELOS, 2012, p.12

De maneira geral, podemos elaborar o funcionamento de um terreiro da seguinte maneira:

1 - Assim que adentram o terreiro é comum que todos removam seus calçados, deixando-os em um salão de entrada, geralmente localizado à esquerda após a porta principal. Desde o momento da chegada, auxiliares direcionam os presentes ao espaço de assistência, onde podem se acomodar confortavelmente. Durante esse processo, são

⁴ Na Umbanda, a pipoca, por exemplo, é usada nas oferendas para os Orixás *Obaluayê*, usando só as pipocas brancas, e *Omulu*, usando também as pipocas queimadas (pretas). É muito usada nos rituais de cura. Além disso, os Guias fazem verdadeiras “mandingas” com apenas um punhado de pipoca nas mãos, favorecendo o corpo astral dos consulentes.

realizados banhos com ervas para que os auxiliares entrem em sintonia com as entidades da noite. Todo o ritual que se segue é conhecido como gira (ou jira), o cerne do culto umbandista.

2 - O início do ritual é marcado por algumas defumações de incenso, visando purificar o ambiente. São defumados o peji⁵ assim como as proximidades dos médiuns e de todo o público presente. No espaço central do culto umbandista encontram-se diversos médiuns e o pai de santo, geralmente posicionados no centro.

3- Sob o som dos atabaques, palmas e outros instrumentos de percussão, as entidades iniciam o processo de incorporação. Os médiuns, sentados, tornam-se receptivos ao público enquanto as divindades se manifestam por meio deles. Durante esse momento, entidades auxiliares como o Preto Velho⁶, Exú⁷, Caboclos⁸ e Erê⁹ se manifestam nos médiuns para oferecer orientações e auxílio aos visitantes. Uma vez preparado o ambiente, os auxiliares conduzem o público até os médiuns, onde podem dialogar e receber conselhos espirituais para seu desenvolvimento social e psíquico, em contato direto com as divindades umbandistas.

Assim, em um terreiro com espaço abundante, é possível encontrar uma variedade de casas destinadas aos orixás, cada uma com sua própria atmosfera e características distintas, espaços para exercer as funções específicas e setores de apoio como demonstrado nas ilustrações. Por outro lado, nos terreiros adaptados de residências ou em espaços reduzidos, é necessário maximizar o uso do espaço disponível para garantir que os rituais sejam realizados de forma apropriada, além de assegurar a proteção e segurança do ambiente sagrado. Nesses casos, cada centímetro quadrado é valorizado e utilizado

⁵ peji: altar sagrado, onde devemos saudar ao adentrar o Ilê, também chamado de congá e Ilê do Orixás, é onde são colocadas as imagens que simbolizam nossos guias e seus fundamentos.

⁶ São espíritos que se apresentam sob o arquétipo de idosos africanos que viveram nas senzalas, majoritariamente como escravos que morreram no tronco ou de velhice, e que adoram contar as histórias do tempo do cativo. Sábios, ternos e pacientes, dão o amor, a fé e a esperança aos seus afilhados.

⁷ são espíritos da noite, da paixão, dos bares. Sábios em aspectos da vida, do amor e das ruas e encruzilhadas. A denominação Exu para essas memórias existenciais encantadas é uma assimilação linguística do nome da divindade Orixá Èsù. Na cultura iorubá, Èsù é o senhor da comunicação, da palavra, das múltiplas possibilidades, das encruzilhadas, da ordem e da disciplina, da fertilidade e das relações.

⁸ são considerados espíritos de índios que já morreram e que viraram guias de luz que voltam à Terra para prestar a caridade ao próximo. Os caboclos estão presentes na Umbanda desde a sua fundação, uma vez que a religião teria sido criada pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas

⁹ Erê é uma palavra originária do yorubá e tem o significado de diversão e brincadeiras, desta forma são espíritos de crianças evoluídas que não chegaram a encarnar e que estão muito próximas dos Orixás, transmitindo suas sabedorias.

estrategicamente para manter a integridade e eficácia dos rituais, mesmo em espaços limitados como explica Menezes (2012).

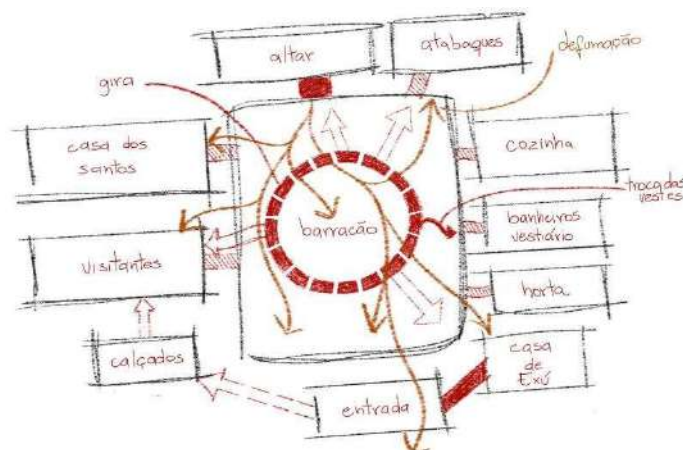


Figura 13: rascunho esquemático do fluxo em um terreiro
Fonte: desenho da autora

2.2 Estudo de Caso: Terreiro *Minha Fé Me Guia!*

Para nortear esse trabalho, uma vez que não é apenas uma análise de referência para estudo, mas também o objeto prático, faremos uma análise esquemática do espaço usado atualmente no Terreiro de Umbanda *Minha Fé me Guia!*.



Figura 14: Planta esquemática do Terreiro *Minha Fé me Guia!*.

Fonte: Desenho e levantamento da autora

Dentro das suas limitações físicas, mas respeitando as hierarquias e obrigações, vemos no Terreiro de Umbanda *Minha Fé me Guia!* as ambiências mencionadas anteriormente no terreiro comum: a cozinha para a preparação das comidas e oferendas, o banheiro para troca das vestes e limpeza, os atabaques para as celebrações, um banco simples para os visitantes ou preto-velhos e casa dos exus sempre na saída.



Figura 15: área de apoio a casa, banheiros e cozinha

Fonte: foto da autora em abril de 2024



Figura 16: cozinha da casa

Fonte: foto da autora em abril de 2024



Figura 17: atabaques

Fonte: foto da autora em abril de 2024



Figura 18: banco normalmente utilizados por pretos velhos ou visitantes.

Fonte: foto da autora em abril de 2024



Figura 19: entrada do terreiro com a casa de Exu na lateral fechada.

Fonte: foto da autora em abril de 2024



Figura 20: casa de Exu aberta contendo as imagens e oferendas.

Fonte: foto da autora em abril de 2024

Um ponto em destaque é que diferente dos cultos e missas da igreja católica, a demarcação dos espaços no terreiro é mais flexível, por exemplo: nas giras de caboclo os atabaques e médiuns ficam no fundos da casa próximos ao altar, e os visitantes esperam nos bancos - ou em pé - de frente para o altar e mais próximos à saída; já nas giras do povo das ruas, os atabaques e médiuns ficam próximos a casa dos Exus - e portando próximos a saída -, devido às limitações de espaço, nesses dias, os visitantes acabam ficando de costas para o altar. Entende-se que essa configuração pode não ser a mais adequada, contudo, em uma religião onde ocorrem tantas adaptações - como analisado em todo decorrer do trabalho - pede-se licença aos orixás, e a gira procede desta maneira. Isso nos demonstra que, de certa forma, o altar na umbanda não está preso a um espaço material, mas no corpo - físico e espiritual - de quem incorpora e, portanto, intrinsecamente ligado ao orixá que está sendo incorporado.

A experiência espacial ocorre por meio dos estímulos físicos, que perpassam pelos sentidos e tem no corpo um elemento fundamental de percepção e experiência, o meio de interação com o ambiente e com o Outro. Também o corpo é considerado como um altar sagrado, receptáculo do axé e das entidades e orixás, um artefato cultural e simbólico, onde a sociedade impõe sua marca. (Menezes, 2012, p. 22)

Como é possível observar, os terreiros são espaços imagéticos e adornados, além das esculturas e pinturas dedicadas aos orixás, as cores são elementos de tamanha importância na umbanda. No Terreiro *Minha Fá Me Guia!*, ao longo de todo ano, tem-se

estendido no teto da casa, bandeirolas de papel em branco e azul, homenageando Oxalá¹⁰



Figura 21 – bandeirolas de papel para Oxalá
Fonte: foto da autora em abril de 2024

Na alvorada de Ogum, conhecido no catolicismo como São Jorge (muito cultuado no Rio de Janeiro), a fachada do terreiro é enfeitada por bandeirolas e balões “bexigas” vermelhas e brancas. Assim como a imagem do santo é adornada por plantas, como a espada e lança de São Jorge. As oferendas carregadas de pedidos de força e agradecimento pelas conquistas realizadas à pedido do orixá guerreiro são erguidas com fervor e muita fé.



Figura 22: imagem de São Jorge adornada
Fonte: foto da autora em abril de 2024



Figura 23: Terreiro *Minha Fé me Guia!* decorado para alvorada de São Jorge
Fonte: foto da autora em abril de 2024

¹⁰ Originário da mitologia iorubá, Oxalá é cultuado como o maior e mais respeitado de todos os Orixás do panteão africano – não por ser hierarquicamente superior, e sim por ser o mais velho, representando a ancestralidade. É associado à criação do mundo e da espécie humana.



Figura 24: bandeirolas vermelho e azul decorando a celebração de Ogum

Fonte: foto da autora em abril de 2024



Fonte: foto da autora em abril de 2024

A alvorada de São Jorge e gira de Ogum, é uma das madrugadas mais aguardadas do ano para os umbandistas, especialmente para os devotos e filhos do orixá. A autora pôde presenciar, às 3 horas da manhã do dia 23 de abril de 2024, a casa cheia, e todos os participantes entusiasmados com a celebração. Nessa noite, após o toque dos atabaques para convidar o orixá, os filhos da casa carregaram a imagem no andor¹¹ do terreiro até a Paróquia de São Jorge, também em Realengo.

O ato não é apenas uma procissão de fé, ao caminhar até a paróquia católica não só é demonstrado o sincretismo da religião, como o respeito entre os devotos, seja qual for sua manifestação. Na manhã do dia 23 de abril - dia de São Jorge/Ogum - o Pe. Lucas Matheus, celebrante da missa da alvorada na paróquia, iniciada às 5:00 da manhã do mesmo dia, convida o Pai Ronaldo, pai de santo do Terreiro *Minha Fé me Guia!*, para cultuar o guerreiro e enfatizar o respeito entre as religiões, um gesto nobre e extremamente simbólico dentro de um país com tanto preconceito e intolerância religiosa.

¹¹ uma estrutura, em geral de madeira ou outro material leve e resistente, em forma de padiola portátil e ornamentada, em que nos cortejos religiosos se transportam ao ombro as imagens e ícones.



Figura 26: membros do Terreiro *Minha Fé Me Guia!* reunidos cantando pontos de Ogum
Fonte: foto da autora em abril de 2024



Figura 27: procissão até a Paróquia de São Jorge
Fonte: foto da autora em abril de 2024



Figura 28: imagem de São Jorge adornado o andor
Fonte: foto da autora em abril de 2024



Figura 29: São Jorge no andor chegando na Paróquia de São Jorge
Fonte: foto da autora em abril de 2024



Figura 30: Padre Matheus e Pai de Santo Ronaldo comemorando juntos.
Fonte: foto da autora em abril de 2024



Figura 32: membros do Terreiro *Minha Fé Me Guia!* na missa em homenagem à São Jorge dentro da Paróquia
Fonte: foto da autora em abril de 2024

2.3 Estudo de Caso: A Realocação Do Terreiro Minha Fé Me Guia!

Apesar das festas e celebrações em curso, a casa busca ampliar seu espaço para seguir a exercer sua fé em conformidade com os preceitos e obrigações estabelecidos. Nesse desejo, emerge a perspectiva da realocação em um novo terreno, também em Realengo, situado a uma curta distância da atual sede. Este novo terreno é vislumbrado como uma oportunidade para melhor atender às exigências da casa, fornecendo uma estrutura mais adequada tanto para acomodar visitantes, quanto para servir aos membros, valorizando e reafirmando ainda mais a manifestação religiosa e coletiva.

Assim como o local atual, serão necessárias adaptações, porém no novo espaço teremos um melhor aproveitamento do terreno e a possibilidade de projetar conforme as obrigações religiosas, e não o contrário, isso tudo pensando tanto na realidade econômica do grupo e nas circunstâncias sociais da construção de um terreiro de Umbanda dentro de um cenário suburbano e as perseguições de grupos religiosos como é explicado por Claudia Menezes.

A marca histórica de repressão e perseguição aos cultos religiosos, no passado, não permitiu uma arquitetura cuja comunicação/expressão fosse tão direta como as igrejas, mesquitas e sinagogas. Assim, os espaços de rituais afro-brasileiros não são detentores de uma específica tipologia arquitetônica que os caracterize, como acontece em templos de outras religiões. (MENEZES, 2012, p. 131)

2.4 Estudo de Caso: Diagnóstico Do Terreno Para A Futura Casa

Situado na Rua César - 312, Realengo, na cidade do Rio de Janeiro, o novo espaço conta com mais de 160 m² de salão coberto e 350 m² de área descoberta permeável, isso sem contar o espaço já existente de cozinha, banheiros e despensa. Entretanto, mesmo com área mais de 6 vezes maior do que a casa atual, o novo espaço precisa de uma intervenção estratégica e que considere as técnicas construtivas locais e condições econômicas do grupo - uma vez que estes, até então, serão responsáveis pelo financiamento, gestão e mão-de-obra da reforma.

No início do trabalho, ao ressaltar o interesse em desenvolver uma arquitetura sustentável, é crucial compreender a amplitude desse conceito. Sustentável, derivado do verbo sustentar, oriundo do latim *sustentare* (com sub significando abaixo e tenere significando "manter"), inicialmente implicava a ideia de fornecer suporte físico adequado. Atualmente, essa noção vai além e engloba também uma dimensão econômica.

Desta forma, o Terreiro *Minha Fé me Guia!* fará uso da mão-de-obra disponível, neste caso sendo os membros da casa trabalhadores da construção civil, com intuito de assegurar a sustentação física das estruturas e viabilizar economicamente tanto a construção quanto a manutenção das edificações. Logo, uma abordagem sustentável na arquitetura não apenas reduz a necessidade de demolição, mas também otimiza os recursos financeiros, maximizando o aproveitamento do que já está disponível, como é explicado pelo arquiteto e professor Júlio César Pereira em sua pesquisa abordando patrimônio histórico, sustentabilidade e manutenção.

Os princípios fundamentais da sustentabilidade incluem o desenvolvimento de uma maior compreensão do ambiente histórico, uma maior participação pública, mantendo nossas atividades para níveis que não danifiquem permanentemente o ambiente histórico, e garantir que as decisões sobre o ambiente histórico sejam feitas com base na melhor informação possível. Sustentabilidade também é uma questão importante e significativa no contexto da tendência de reutilização adaptável, pois edificações existentes geralmente possuem atributos positivos e negativos e um bom desempenho no que diz respeito à reutilização dos materiais. Muitas vezes utilizam soluções de tecnologia mais simplificadas que resolvem bem as questões relacionadas à ventilação natural, à luz natural e à inércia térmica. (PEREIRA 2018, p.5)

A seguir, será apresentada a planta do levantamento arquitetônico do terreno, juntamente com os parâmetros urbanísticos identificados e imagens que retratam a configuração atual do local. Esses elementos constituem a base essencial para o desenvolvimento do projeto do novo terreiro de umbanda.



Figura 33: fachada do novo lote

Fonte: foto da autora em abril de 2024



Figura 34: salão do novo lote

Fonte: foto da autora em abril de 2024



Figura 35: cozinha do novo lote

Fonte: foto da autora em abril de 2024



Figura 36: cozinha do novo lote

Fonte: foto da autora em abril de 2024



Figura 37: salão do novo lote

Fonte: foto da autora em abril de 2024



Figura 38: circulação e acesso aos banheiros do novo lote

Fonte: foto da autora em abril de 2024



Figura 39: salão do novo lote

Fonte: foto da autora em abril de 2024



Figura 40: salão do novo lote

Fonte: foto da autora em abril de 2024



Figura 41: acesso aos banheiros do novo lote

Fonte: foto da autora em abril de 2024



Figura 42: área da churrasqueira do novo lote

Fonte: foto da autora em abril de 2024



Figura 43: quintal do novo lote

Fonte: foto da autora em abril de 2024



Figura 44: churrasqueira e depósito do novo lote

Fonte: foto da autora em abril de 2024

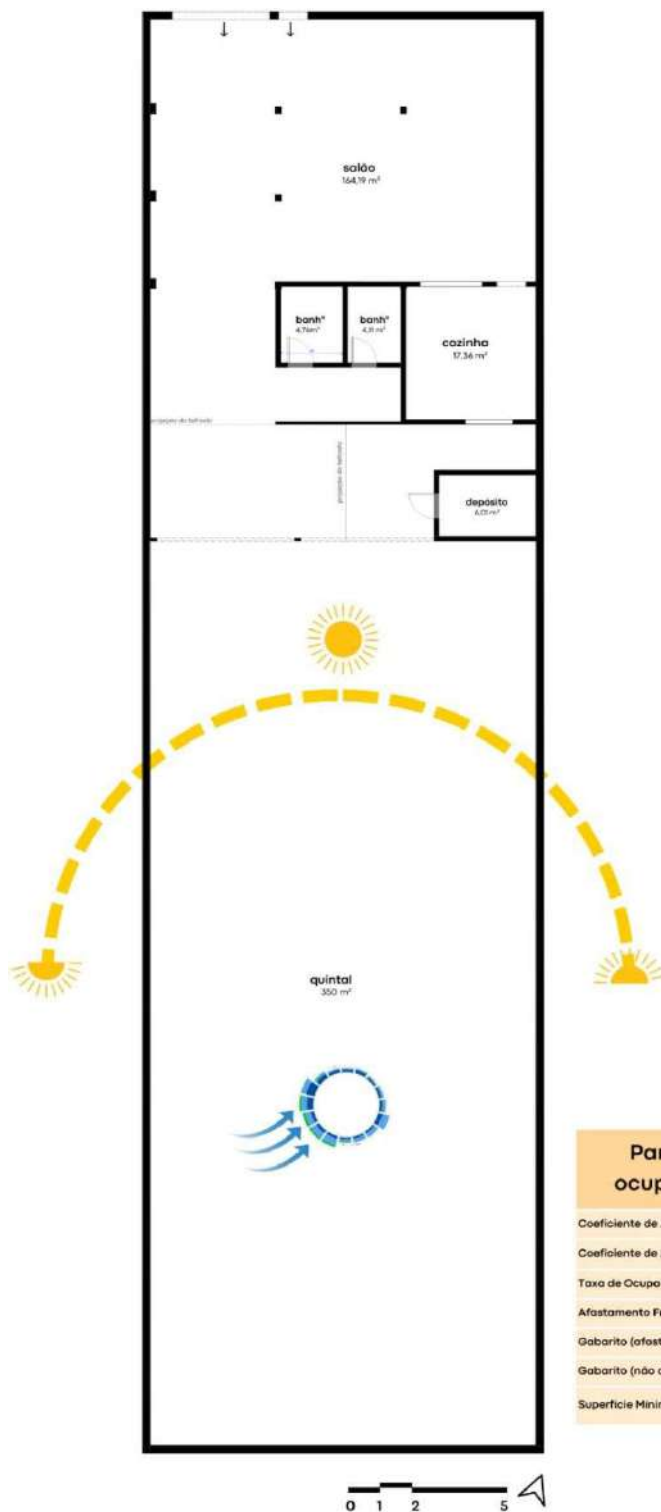


Figura 45 – Planta esquemática do novo lote
 Fonte: Desenho e levantamento da autora

Parâmetros de ocupação do solo	
Coefficiente de Aproveitamento Básico (CAB):	1,0
Coefficiente de Aproveitamento Máximo (CAM):	2,0
Taxa de Ocupação máxima (TO):	70
Afastamento Frontal (m):	3
Gabarito (afastado das divisas):	8 pav./26m
Gabarito (não afastado das divisas):	3 pav./11m
Superfície Mínima Drenante (SMD):	20% da área livre mínima

Figura 46 – Parâmetros do terreno
 Fonte: Secretaria Municipal do Urbanismos do Rio de Janeiro

O projeto do terreiro, por sua vez, será concebido em harmonia com o pensamento sustentável integrando as características das ambiências umbandistas e os anseios da comunidade, tais como: uma cozinha bem equipada, banheiro acessível, principalmente pensando nos idosos, um vestiário/camarim para os filhos de santo, despensa, bancos de fácil locomoção, horta para o plantio das ervas usados nos rituais, a casinha dos santos e casa do Exu e, principalmente, um lugar arejado. Nesse sentido, os fluxos, as demandas e as expectativas serão sobrepostos sobre o novo lote, visando não apenas atender às práticas e rituais da umbanda, mas também promover a eficiência no uso de recursos. Este processo de integração entre os elementos do ambiente religioso e os princípios sustentáveis garantirá a criação de um espaço harmonioso e funcional, que reflita as necessidades e valores da comunidade umbandista.

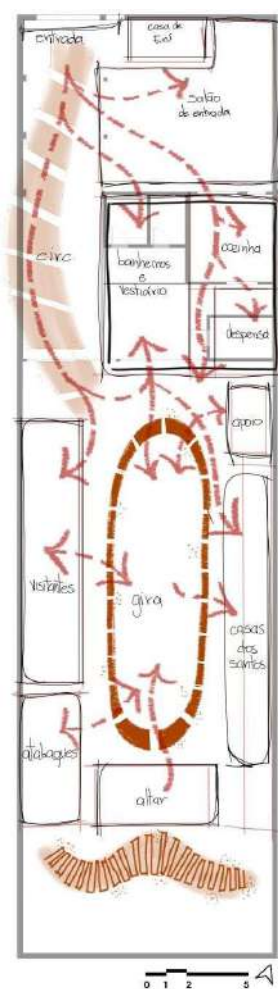


Figura 47 – Concepção Embrionária

Fonte: Desenho da autora

2.5 Estudo do Solo Local

A pesquisa sobre as características da terra do local levou à elaboração de um material de apoio intitulado *Guia Prático de Construção com Terra: Estudo de Seleção de Terra e Técnica Construtiva*, inspirado nos materiais disponibilizados pelo grupo Proterra. Esse guia foi desenvolvido para orientar a análise do solo de maneira prática e acessível, visando facilitar o uso de técnicas de construção tradicionais e sustentáveis no contexto do terreiro.

O *Guia Prático de Construção com Terra* apresenta um passo a passo sobre a realização de testes simples de campo, explicando como identificar e categorizar o tipo de terra encontrada no local, além de oferecer orientações para a interpretação dos resultados desses testes. A partir dessa análise, o guia recomenda a aplicação da técnica de pau a pique, detalhando de forma simples o processo de construção, desde a preparação do material até a montagem da estrutura.

Essa metodologia foi escolhida tanto pela viabilidade técnica quanto pelo potencial de participação da comunidade na execução do projeto, permitindo que o processo construtivo respeite o contexto ambiental e cultural do terreiro, promovendo uma conexão direta com a terra local e com a tradição afro-brasileira da construção com materiais naturais.

O uso de técnicas de construção em terra remete à ancestralidade africana, onde materiais locais e naturais eram empregados para erguer espaços de convivência e práticas religiosas, como os *compounds*. A escolha de construir o terreiro com a própria terra do local, além de ser uma prática sustentável, resgata essa herança cultural, reforçando a conexão com os elementos da natureza e respeitando a espiritualidade dos cultos afro-brasileiros. A aplicação dessas técnicas, que envolvem terra e fibras vegetais, reflete também o respeito ao meio ambiente, minimizando o impacto ecológico e promovendo a autossuficiência material.

O estudo do solo e a escolha das técnicas construtivas adequadas ao terreno representam uma etapa fundamental para garantir que o projeto do terreiro esteja em sintonia com os valores ancestrais e com a sustentabilidade. O uso de materiais naturais como a terra e o bambu, associados às técnicas tradicionais, proporciona não apenas uma solução arquitetônica eficiente, mas também uma homenagem à história e aos valores da umbanda. Assim, a construção deste terreiro com os recursos locais simboliza a perpetuação das tradições africanas em solo brasileiro, promovendo um espaço de pertencimento e respeito à

cultura afro-brasileira.

2.6 Projeto Faseado

Diante das limitações orçamentárias e da disponibilidade dos gestores do projeto, optou-se por realizar a reforma de maneira faseada. Esse método permite que, mesmo antes da finalização completa, o espaço já apresente melhorias significativas, tornando-se adequado para uso imediato. À medida que novas etapas forem viabilizadas, as fases subsequentes serão implementadas até que o projeto seja concluído conforme o planejamento inicial.

3 ELABORAÇÃO DO PROJETO

3.1 Primeira Fase: Bambu

Na primeira fase, priorizou-se a reforma do telhado existente, que atualmente apresenta uma estrutura precária composta por telhas de amianto. O uso desse material foi proibido no Brasil pela Lei nº 9.055/1995 e, mais recentemente, pelo Supremo Tribunal Federal (STF) em 2017, devido ao seu potencial cancerígeno. Além dos riscos à saúde, o telhado atual apresenta perigo de desabamento. A forma inclinada de uma única água não favorece a ventilação e a iluminação natural, resultando em um ambiente abafado e mal iluminado. A substituição do telhado é essencial para garantir a segurança estrutural e proporcionar maior conforto térmico e luminoso ao espaço, adequando-o às novas necessidades do projeto arquitetônico.

Logo, a primeira etapa do projeto é dedicada à implementação de estruturas essenciais que servirão como a base para as próximas intervenções no terreiro, ao mesmo tempo em que possibilitam sua utilização progressiva. O bambu, como material central desta etapa, foi escolhido por suas propriedades ecológicas, renováveis e por seu vínculo simbólico com a ancestralidade, harmonizando-se com os princípios da Umbanda. Essa fase também introduz melhorias estruturais no espaço, integrando sustentabilidade, funcionalidade e respeito aos elementos naturais.

A cobertura do eixo central será totalmente reformulada, utilizando uma estrutura de bambu que suportará telhas do tipo sanduíche. Esse tipo de telha, além de garantir conforto térmico e acústico, proporciona durabilidade e baixa manutenção, fatores indispensáveis para a viabilidade do projeto a longo prazo. O telhado será configurado em duas águas, uma escolha que não apenas favorece a ventilação cruzada e a entrada de luz

natural, mas também reforça a sensação de amplitude no espaço interno. A cobertura abrigará o salão principal, a cozinha, os banheiros e a despensa, oferecendo maior proteção e conforto ambiental para as práticas religiosas e a convivência comunitária.

No salão de entrada, um destaque arquitetônico será a inclusão de rasgos entre os caibros da cobertura em bambu. Esses elementos funcionarão como claraboias, permitindo a entrada de luz natural de forma estratégica. Além disso, nos dias de chuva, a água captada será direcionada para um canteiro que margeia a parede existente. Essa solução, além de funcional, estabelece um diálogo direto com a espiritualidade da Umbanda, que celebra os elementos naturais como parte integrante dos rituais e da conexão com o divino. Essa integração entre arquitetura e natureza reforça a simbologia do espaço como um território sagrado e acolhedor.

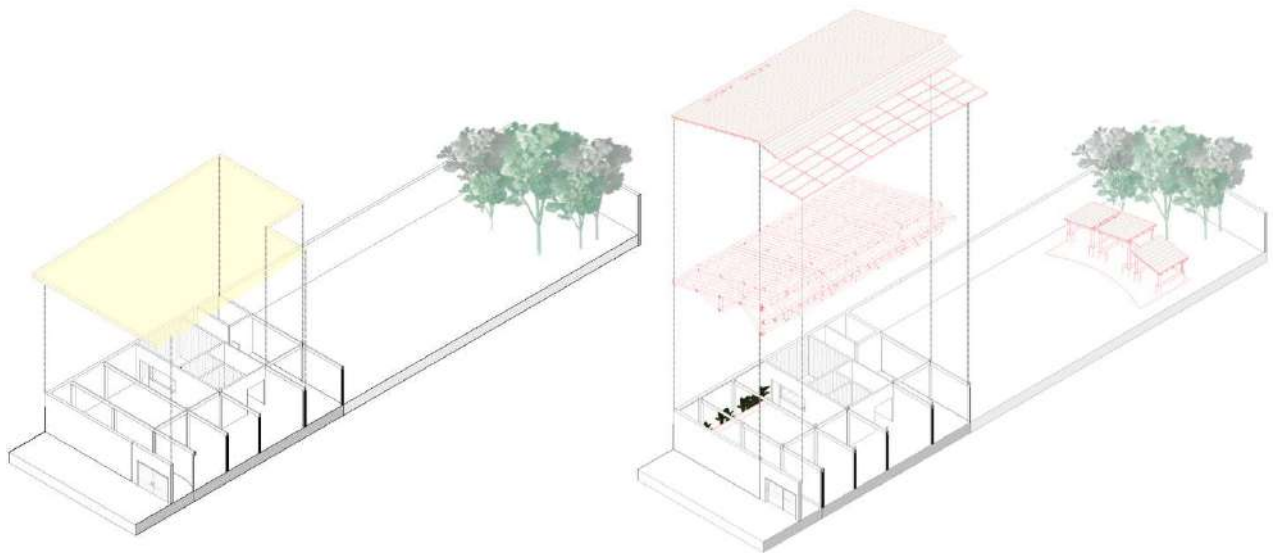


Figura 48 – Isometricas da Cobertura

Fonte: Desenho da autora

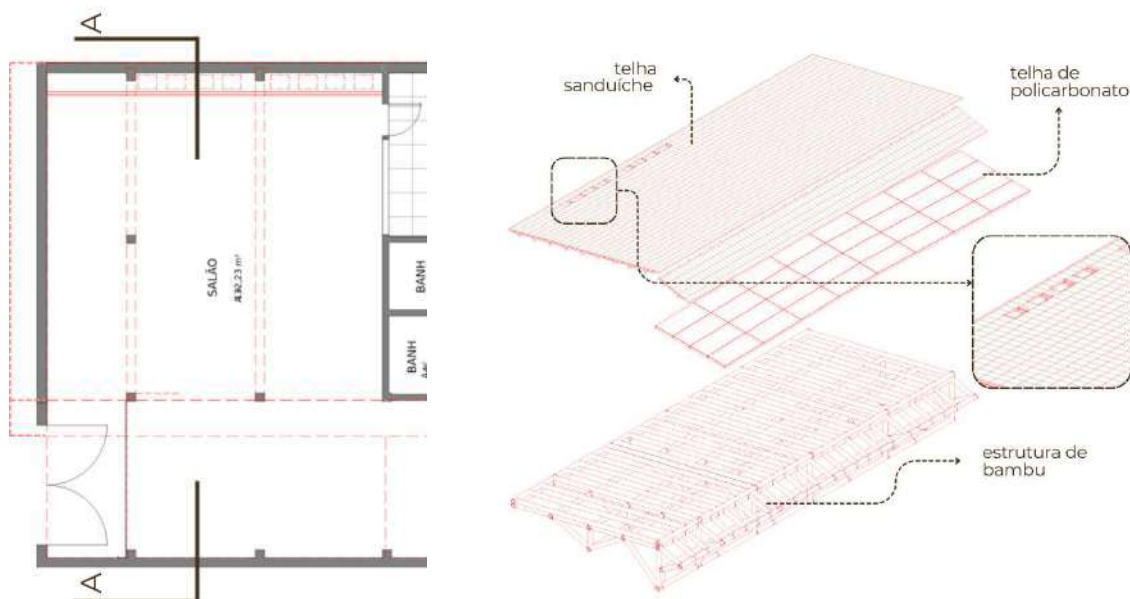


Figura 49 – Detalhes da Cobertura

Fonte: Desenho da autora

A ligação entre o eixo central e o quintal dos fundos será marcada por uma cobertura de policarbonato translúcido sustentada por estrutura de bambu. Essa solução garante a entrada abundante de luz natural, ao mesmo tempo em que orienta visualmente os frequentadores ao longo do percurso. O uso do policarbonato foi pensado tanto pela sua leveza estrutural quanto pela sua transparência, características que dialogam com o conceito de fluidez e acolhimento que permeia todo o projeto.

Nos fundos, o quintal passará por um processo de limpeza e organização já nesta primeira fase. A área será capinada, as árvores podadas, e o ambiente limpo, tornando-se imediatamente utilizável como um espaço livre e versátil, destinado a atividades comunitárias ou espirituais provisórias. Paralelamente, será construída a estrutura inicial da casa dos santos, composta por uma laje de concreto e um rodapé que servirão como base para as paredes de vedação, previstas para a segunda fase do projeto. A estrutura em bambu e a cobertura desta edificação também serão executadas nesta etapa, garantindo que o espaço já esteja parcialmente funcional ao final da primeira fase.

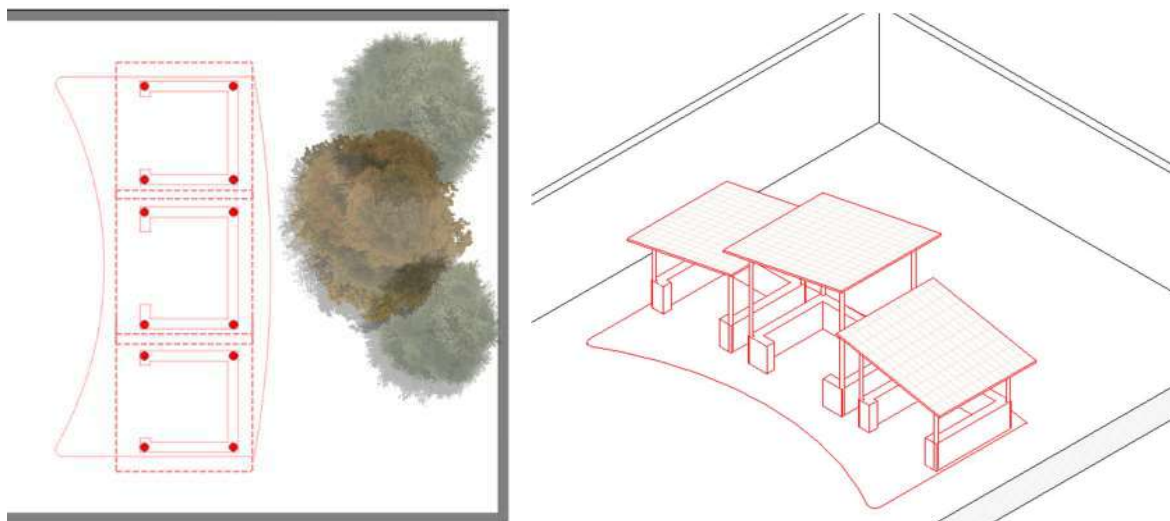


Figura 50 – Detalhes da Casa dos Santos

Fonte: Desenho da autora

Além das intervenções descritas, será apresentada uma planta baixa com o mobiliário atualizado, demonstrando como o espaço será organizado ao final desta fase. A funcionalidade do espaço será destacada com uma planta de fluxos, evidenciando a dinâmica de uso diário do terreiro após a conclusão desta etapa. Essa representação gráfica será posicionada ao final do capítulo, sintetizando como as soluções arquitetônicas propostas impactarão positivamente a experiência dos frequentadores.

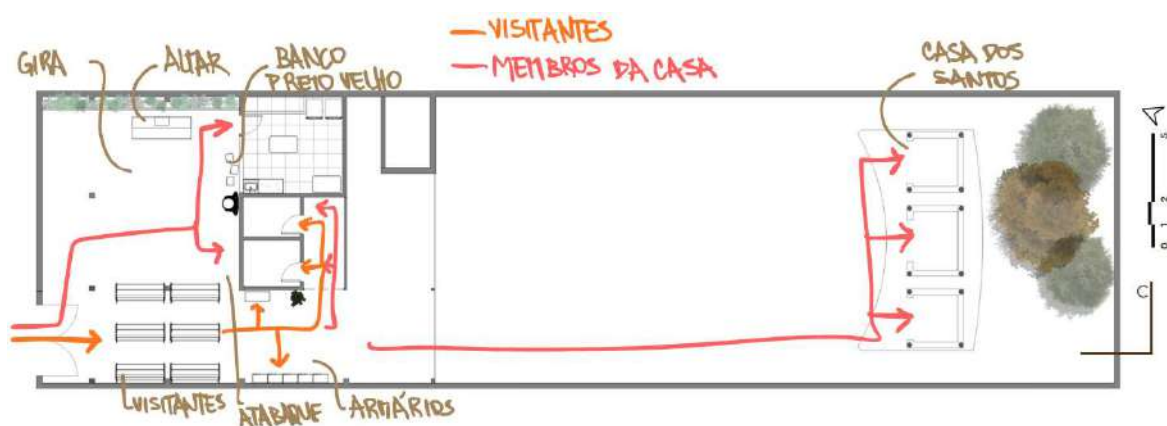


Figura 51 – Planta de Fluxos Fase 1

Fonte: Desenho da autora

Essa primeira etapa marca o início de uma transformação profunda, tanto estrutural quanto simbólica, no Terreiro Minha Fé Me Guia! Ao adotar soluções que conectam sustentabilidade, funcionalidade e ancestralidade, o projeto reforça o papel do terreiro como um espaço de resistência cultural e espiritualidade. A integração entre arquitetura e natureza não apenas valoriza a prática religiosa da Umbanda, mas também oferece um ambiente acolhedor e digno para a comunidade, alinhando-se aos valores de respeito e preservação que permeiam essa tradição.

As intervenções seguem o cronograma de visão macro, que organiza as atividades por semanas, abrangendo desde a reforma do salão principal e o eixo lateral até as estruturas do quintal.

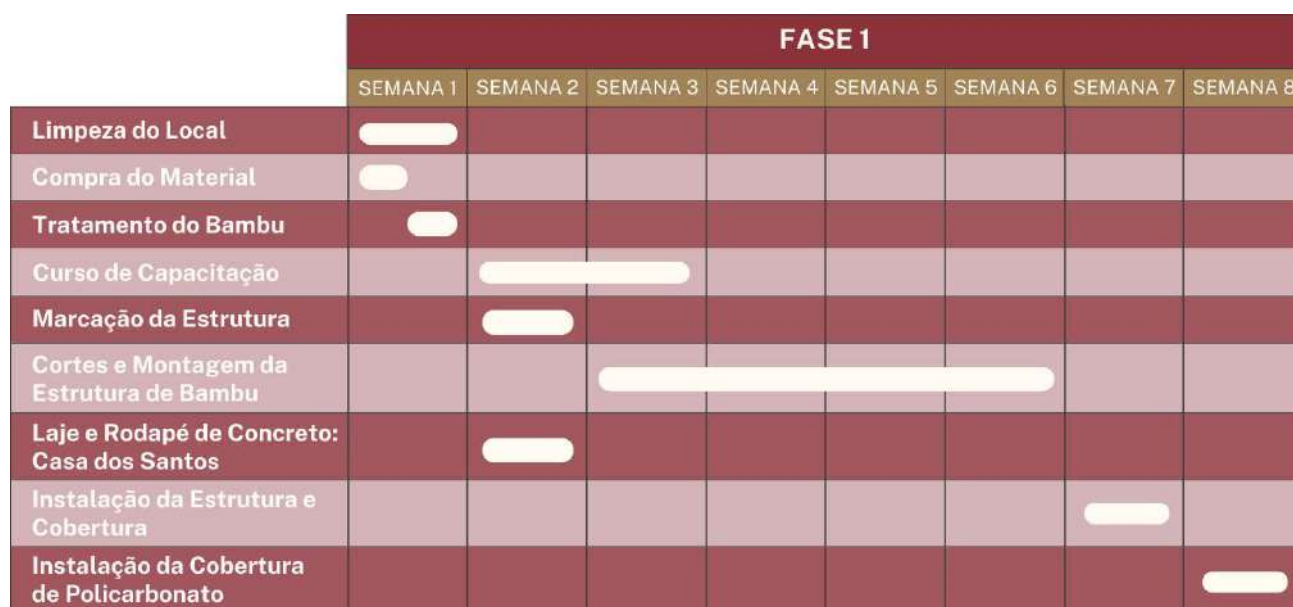


Figura 52 – Cronograma Fase 1

Fonte: Desenho da autora

3.2 Segunda Fase: Terra

Na segunda fase do projeto, o foco recai sobre a construção das paredes e na reconfiguração dos espaços internos e externos do terreiro. Essa etapa busca explorar ao máximo os recursos naturais disponíveis no próprio terreno, alinhando-se aos valores de sustentabilidade e mínima intervenção que permeiam o projeto. O uso da terra retirada do quintal como material construtivo é um marco significativo, tanto pela conexão simbólica com as práticas ancestrais quanto pela redução do impacto ambiental.

A primeira intervenção é a escavação de parte do quintal, realizada de forma controlada para minimizar danos ao entorno. A terra extraída será aproveitada para a

execução das paredes, priorizando técnicas tradicionais e sustentáveis. Essa abordagem resgata práticas construtivas ancestrais e as adapta ao contexto contemporâneo, proporcionando um espaço integrado com a natureza e a espiritualidade.

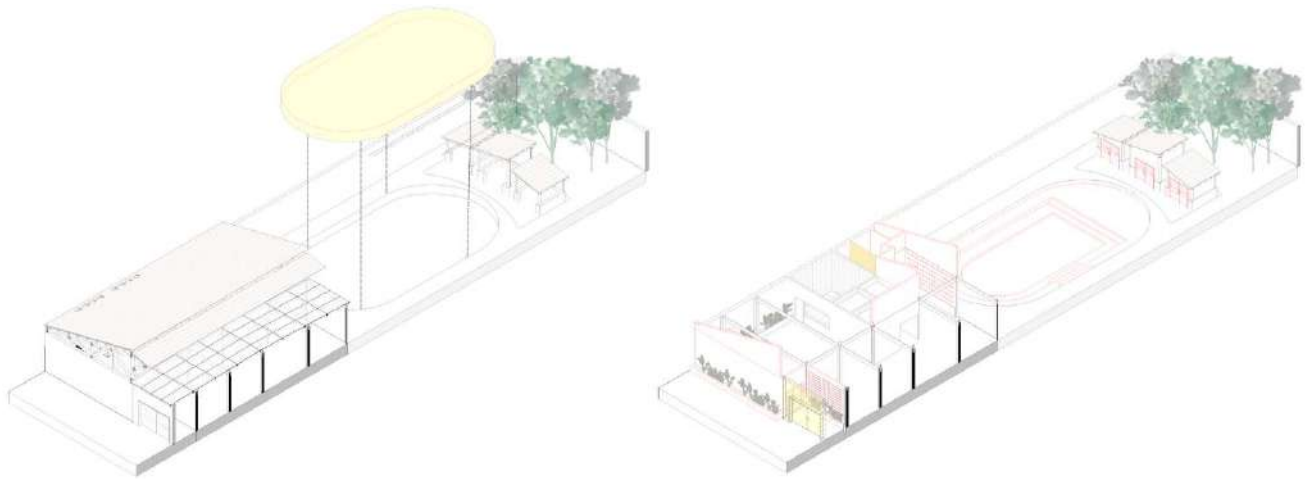


Figura 53 – Isometricas da Segunda Fase

Fonte: Desenho da autora

Um dos destaques dessa fase é a reformulação da fachada do terreiro. A entrada principal será deslocada, e um recuo será incorporado à volumetria frontal, conferindo mais dinamismo ao conjunto arquitetônico. Essa escolha, além de criar um jogo visual interessante, "esconde" a porta de entrada da vista frontal direta, simbolizando o aspecto reservado e respeitoso que caracteriza o espaço sagrado da Umbanda.

As paredes da nova fachada serão construídas utilizando a técnica de pau a pique, enriquecida pela incorporação de garrafas de vidro recicladas. Essas garrafas, recolhidas ao longo do tempo durante os eventos e celebrações do terreiro, cumprem uma dupla função: criam belos feixes de luz que atravessam as paredes, simbolizando a presença do Axé e da energia espiritual, e promovem a sustentabilidade, ao reutilizar materiais que poderiam ser descartados.



Figura 54 – Fachada

Fonte: Render da autora

Ao atravessar a entrada principal, de frente para a nova porta, será construída a Casa de Exu. Essa localização foi definida com base na obrigatoriedade litúrgica da Umbanda, pois Exu é o guardião dos caminhos, das entradas e saídas, protegendo os frequentadores e os trabalhos espirituais. A casa será integrada ao restante da arquitetura, utilizando a mesma técnica de construção em terra, reforçando a conexão com os elementos naturais e com a simbologia de proteção.

Seguindo o fluxo interno do terreiro, logo após os banheiros já existentes, a antiga despensa será transformada em um camarim. Esse espaço atenderá a uma necessidade prática dos membros do terreiro, oferecendo um local adequado para higienização e preparo antes das giras. A parede hidráulica da cozinha será aproveitada para otimizar os recursos disponíveis e facilitar as conexões necessárias para o novo ambiente.

Ao lado do camarim, será criado um recuo que funcionará como um espaço de decompressão. Construído também com pau a pique e garrafas de vidro, esse espaço tem uma função específica dentro da dinâmica do terreiro: permitir que os filhos e filhas de santo descansem e se reidratem após o processo de incorporação, que pode ser fisicamente exaustivo. A escolha por materiais e técnicas que criam um ambiente acolhedor reflete o cuidado e o respeito às demandas físicas e espirituais dos praticantes.

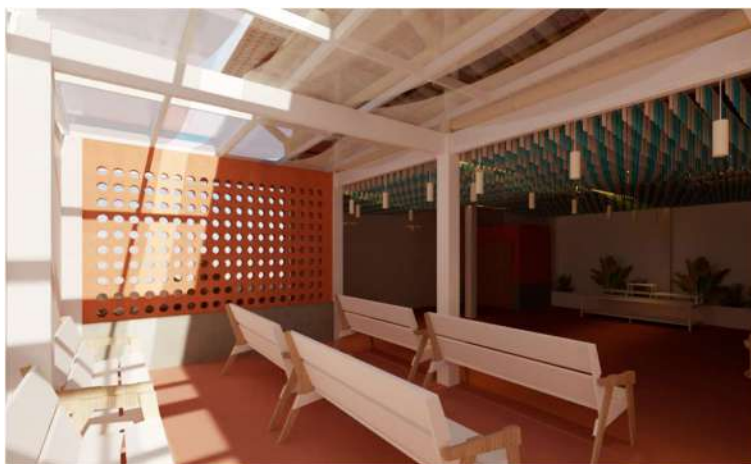


Figura 55 – Vista Interna 1

Fonte: Render da autora



Figura 56 – Vista Interna 2

Fonte: Render da autora



Figura 57 – Vista Interna 3

Fonte: Render da autora



Figura 58 – Vista Interna 4

Fonte: Render da autora

O quintal, que foi escavado para o aproveitamento da terra, receberá um anfiteatro enterrado. Esse espaço, projetado para atividades coletivas e celebrações espirituais, será composto por degraus que se transformam em assentos, com o altar posicionado em direção à Casa dos Santos. A configuração do anfiteatro não apenas amplia a capacidade de acolhimento, mas também reforça a conexão com a terra, permitindo que o espaço se transforme em um elemento vivo durante as giras.

O anfiteatro foi pensado para proporcionar flexibilidade: nos dias de chuva, caberá à casa decidir entre realizar as atividades no salão coberto ou integrar a água ao ritual, ampliando a relação simbólica com os elementos naturais. Essa abordagem é especialmente significativa no contexto da Umbanda, onde a natureza desempenha um papel central na espiritualidade e na prática ritualística.



Figura 59 – Vista Interna 5

Fonte: Render da autor



Figura 60 – Vista Interna 6

Fonte: Render da autora

Na planta baixa com mobiliário, é apresentado a disposição dos espaços internos e externos após a finalização da segunda fase. A planta mostrará o fluxo dos frequentadores no dia a dia do terreiro, evidenciando as transições entre os ambientes, como a entrada, a Casa de Exu, o camarim, o espaço de desconpressão e o anfiteatro no quintal.

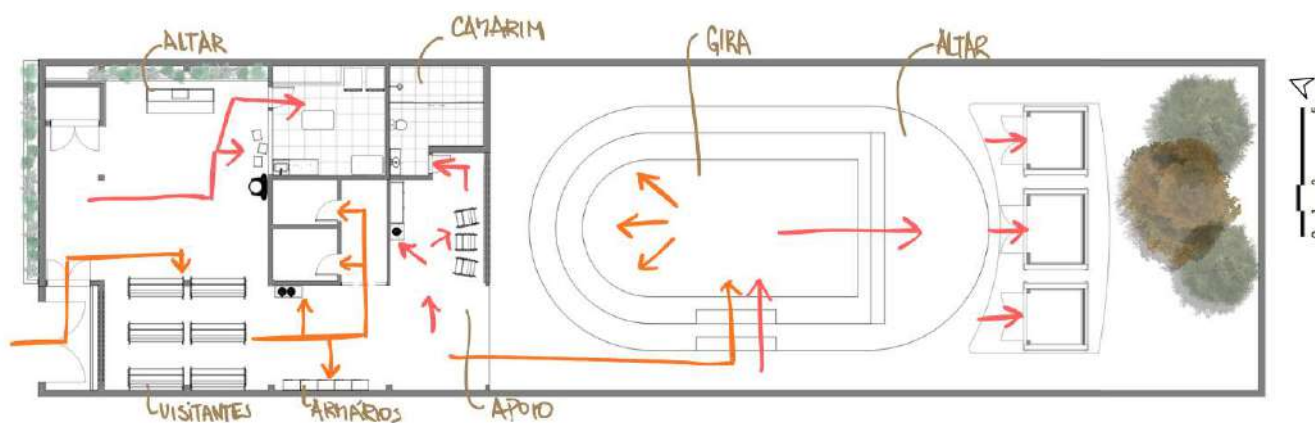


Figura 61 – Planta de Fluxos Fase 2

Fonte: Render da autora

O cronograma para a segunda fase do projeto será apresentado em formato de tabela, detalhando cada uma das etapas de construção por semanas. O cronograma incluirá a escavação inicial, a construção das paredes de terra e pau a pique, a instalação da Casa de Exu, a finalização do camarim, e a configuração do anfiteatro no quintal.

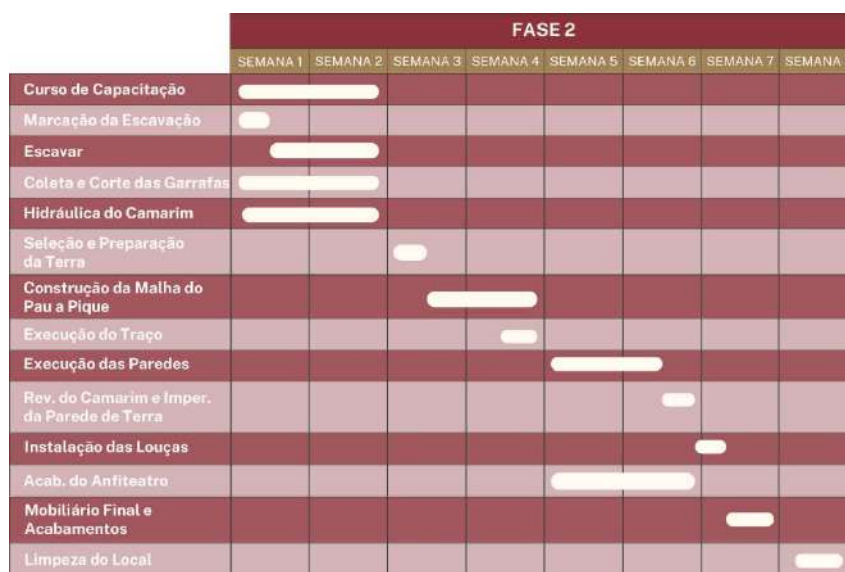


Figura 62 – Cronograma Fase 2

Fonte: Desenho da autora

Com a finalização da segunda fase, o terreiro não apenas se adequará às necessidades litúrgicas e comunitárias, mas também se tornará um exemplo de arquitetura sustentável e ancestral, resgatando as práticas tradicionais em um diálogo direto com as demandas contemporâneas. A materialidade, o aproveitamento de recursos locais e a integração dos elementos naturais transformam o espaço em um verdadeiro santuário, acolhendo a espiritualidade e a conexão com o meio ambiente.



Figura 63 – Isométrica Total

Fonte: Render da autora



Figura 64 – Fachada Humanizada
Fonte: Render da autora



Figura 65 – Corte Humanizado
Fonte: Render da autora



Figura 66 – Vista Humanizada 1
Fonte: Render da autora



Figura 67 – Vista Humanizada 2
Fonte: Render da autora



Figura 68 – Vista Humanizada 3
Fonte: Render da autora



Figura 69 – Vista Humanizada 4
Fonte: Render da autora

CONCLUSÃO

O projeto arquitetônico para o Terreiro de Umbanda Minha Fé Me Guia! apresenta-se como uma interseção entre arquitetura, espiritualidade e resistência cultural. O trabalho foi pautado por uma abordagem que integra valores comunitários, princípios sustentáveis e respeito às tradições ancestrais, refletindo a complexidade e a riqueza da prática umbandista em sua totalidade.

Os resultados obtidos ao longo do desenvolvimento destacam a capacidade do projeto de atender às demandas físicas, espirituais e simbólicas da comunidade religiosa. A realocação do terreiro para um espaço mais amplo e adequado não apenas resolve as limitações estruturais do local original, mas também proporciona um ambiente digno e funcional para a continuidade das práticas rituais. Cada solução arquitetônica foi pensada para valorizar a conexão da Umbanda com os elementos naturais, seja pelo uso do bambu e da terra como materiais centrais, seja pela incorporação de luz natural e água na composição dos espaços.

A decisão por uma execução faseada, com intervenções que respeitam os recursos financeiros e humanos disponíveis, buscou uma implementação realista e acessível. A utilização da terra do próprio terreno para a construção das paredes, aliada à participação ativa dos membros da casa, reforça não apenas o aspecto sustentável, mas também o engajamento coletivo e o fortalecimento dos laços comunitários. No aspecto técnico, o projeto demonstra a união de práticas ancestrais e soluções contemporâneas.

Por fim, o Terreiro Minha Fé Me Guia! busca cumprir seu papel como local de culto, mas também, a função de se tornar um espaço de pertencimento, acolhimento e expressão cultural. Ele oferece um modelo arquitetônico que dialoga com o passado, responde às necessidades do presente e projeta um futuro em que a arquitetura é um meio de empoderamento e preservação das tradições. Assim, o trabalho se coloca como um convite à reflexão sobre o papel da arquitetura na construção de espaços que celebram a diversidade, a identidade e a espiritualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALONSO MORAIS, Marcelo. **Umbanda, Territorialidade E Natureza: Representações Socioespaciais E Sustentabilidades**. Faculdades Catolicas, . Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.17771/pucio.acad.16148>>. Acesso em: 27 Abr. 2024.

BEDNARZ, Jacqueline. **Arquitetura E Religião Desmistificando A Umbanda**. Universidade Federal da Fronteira Sul, 2019.

DAIBERT JR, R. **LUZIA PINTA: EXPERIÊNCIAS RELIGIOSAS CENTRO-AFRICANAS E INQUISIÇÃO NO SÉCULO XVIII**. *Religare*, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 3–16, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/religare/article/view/15802>. Acesso em: 17 out. 2024.

DIAS, Pâmela . Denúncias de intolerância religiosa nos estados aumentam 45,6% no primeiro semestre. **O Globo**, 2022. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/direitos-humanos/noticia/2022/08/denuncias-de-intolerancia-religiosa-nos-estados-aumentam-456percent-no-primeiro-semester.ghtml>>.

DUARTE DE SOUZA, Marina. Denúncias de intolerância religiosa aumentaram 56% no Brasil em 2019. p. 1, 2020. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2020/01/21/denuncias-de-intolerancia-religiosa-aumentaram-56-no-brasil-em-2019>>. Acesso em: 13 Maio 2024.

EMICIDA. Princípio.

GUIMARÃES, Juca. Dia de Combate à Intolerância Religiosa completa 12 anos com terreiros sob ataque. **Brasil de Fato**, 2019. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2019/01/21/dia-de-combate-a-intolerancia-religiosa-completa-12-anos-com-terreiros-sob-ataque>>. Acesso em: 13 Maio 2024.

HONAISSER, Fernando Alves. **Memórias e Representações no Espaço Sagrado**. Universidade Federal de Alagoas - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Programa de Pós-Graduação, 2006.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/>>. Acesso em: 28 Abr. 2024.

LUCCHESI, Bette. Aumenta em 51% o número de casos de intolerância religiosa no RJ. **G1**, 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2018/12/12/aumenta-em-51-o-numero-de-casos-de-intolerancia-religiosa-no-rj.ghtml>>. Acesso em: 13 Maio 2024.

MENEZES, Claudia Castellano. **AGÔ, INAÊ! ODOYÁ!: Arquitetura e Construção Cultural do Espaço dos Terreiros**. Universidade Federal do Rio de Janeiro - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - PROARQ, 2012.

OLIVEIRA, Josane S. Buscando Um Caminho Para Projetar Em Terreiros Tenda Dos Milagres - Proposta De Arquitetura De Pano Da Costa. In: **COPENE**. [s.l.: s.n.], 2018.

PEREIRA, Júlio César. Sustentabilidade no patrimônio histórico nas edificações revitalizadas. In: **PATORREB 6ª Conferência sobre Patologia e Reabilitação de Edifícios**. [s.l.]: UFRJ, 2018. Disponível em: <<https://www.nppg.org.br/patorreb/files/artigos/80497.pdf>>. Acesso em: 28 Abr. 2024.

REGO, Jussara. O Caso Mãe Gilda que originou a lei brasileira contra a intolerância religiosa. **Carta Campinas**, 2018. Disponível em: <<https://cartacampinas.com.br/2018/01/o-caso-mae-gilda-que-originou-a-lei-brasileira-contra-a-intolerancia-religiosa/>>. Acesso em: 13 Maio 2024.

REIS, Maria Cysneiros da Costa. **TERREIRO UMBANDISTA: a arquitetura no espaço físico e espiritual**. Centro Universitário Academia - UniAcademia, Juiz de Fora, MG, 2019.

ROHDE, Bruno Faria. **A Umbanda Tem Fundamento, E É Preciso Preparar: Abertura E Movimento No Universo Umbandista**. Universidade Federal Da Bahia Faculdade De Comunicação, 2010.

SANTOS, Amanda Rodrigues . **Centro De Umbanda**. Centro Universitário Do Planalto Central Aparecido Dos Santos - Uniceplac Curso De Arquitetura E Urbanismo, 2020.

SILVA, Carolina Rocha. **“A culpa é do Diabo”: as políticas de existência na encruzilhada entre neopentecostalismo, varejo de drogas ilícitas e terreiros em favelas do Rio de Janeiro**. Tese (Doutorado em Sociologia), Instituto de Estudos Sociais e Políticos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2021.

SILVEIRA, Renato da. **O candomblé-de-angola na era colonial**. In: **ALVES, Aristides (Org.). A Casa dos Olhos do Tempo que fala da Nação Angolão Paketan Kunzo Kia Mezu Kwa Tembu Kisuelu Kwa Muije Angolão Paketan**. Salvador: Asa Foto, 2010.

STENGER, Nataniel Aramis Fick. **Arquitetura Religiosa - Centro de Umbanda**. Universidade FEEVALE, 2018.

VASCONCELLOS, Maria da Penha. Saravá, opá: bruxaria, etiologias e um terreiro de Umbanda. **Ponto Urbe Revista do núcleo de antropologia urbana da USP**, 2012. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/pontourbe/1083>>. Acesso em: 27 Maio 2024.

VEIGA, Edison. Zélio, o Caboclo das Sete Encruzilhadas: o “fundador da umbanda” que não é bem aceito por umbandistas atuais. **BBC News Brasil**, 2021. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-59677047>>. Acesso em: 19 Maio 2024.

WEMYSTIC. Como funciona um terreiro de umbanda: saiba passo a passo. Disponível em: <<https://www.wemystic.com.br/como-funciona-terreiro-umbanda-saiba-passo-a-passo/>>. Acesso em: 28 Abr. 2024.

fase 2 : usos do espaço



fase 2 : usos do espaço







